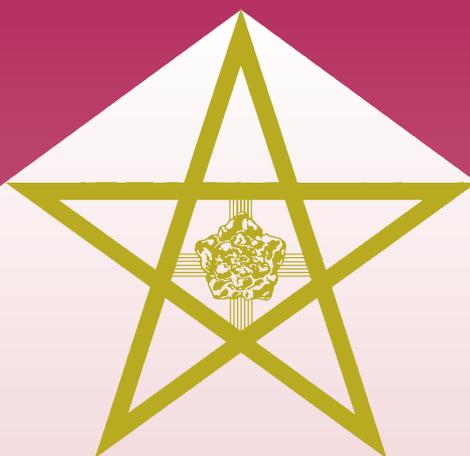


PENTAGRAMA

2003 NÚMERO 2

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



EM BUSCA DA FONTE DA VIDA ETERNA

O RITMO DA ETERNIDADE

OS SIGNIFICADOS DE ATMAN

A GRANDE VIAGEM DE RETORNO

A QUARTA DIMENSÃO NA FILOSOFIA INDIANA

O DOMÍNIO DAS ILUSÕES

A SENDA ÓCTUPLA DO CRISTIANISMO

BUDA E O CAMINHO DO NIRVANA

AS QUATRO NOBRES VERDADES

A JÓIA DO DISCERNIMENTO

PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO:

A ÍNDIA NO RITMO DA ETERNIDADE

«Há duas verdades cósmicas:
o som e a ausência de som.
Agora acontece que o som interior é
revelado pelo som exterior.»
(*Upanishads*)



ÍNDICE

- 2 POR QUE ESTE NÚMERO TEMÁTICO DA PENTAGRAMA?
- 4 EM BUSCA DA FONTE DA VIDA ETERNA
- 8 O RITMO DA ETERNIDADE
- 12 A LENDA DO DESFILE DAS FORMIGAS
- 14 DIÁLOGO ENTRE NACHIKETA E YAMA, DEUS DA MORTE
- 17 OS SIGNIFICADOS DE ATMAN
- 18 A GRANDE VIAGEM DE RETORNO
- 20 A IRREALIDADE DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO
- 24 A QUARTA DIMENSÃO NA FILOSOFIA INDIANA
- 27 O DOMÍNIO DAS ILUSÕES
- 32 A SENDA ÓCTUPLA DO CRISTIANISMO
- 34 BUDA E O CAMINHO DO NIRVANA
- 38 AS QUATRO NOBRES VERDADES
- 42 A JÓIA DO DISCERNIMENTO

ANO 25
NÚMERO 2

POR QUE ESTE NÚMERO TEMÁTICO DA PENTAGRAMA?

O mundo está em movimento. Os seres humanos procuram nas suas raízes novas possibilidades. Eles investigam os limites de seu campo de vida, voltando-se para as brilhantes culturas de um passado cujos rastros permaneceram em sua consciência. Especialmente as filosofias e religiões orientais ganham em popularidade.

No passado longínquo – e a cronologia indiana fala de muitas dezenas de milhares de anos – desenvolveu-se no continente indiano um impulso espiritual que deixou seus rastros nas civilizações do Oriente e do Ocidente. Esse impulso espiritual original era dirigido ao ser humano daquele tempo como um passo para auxiliá-lo mais adiante em seu retorno para o reino de Deus. Portanto, são sempre esses impulsos – e sempre virão novos impulsos – que apontam para a finalidade da vida, até que ela seja alcançada pela humanidade.

Um tal impulso espiritual apresenta três aspectos: a idéia, a interpretação da idéia e a realização da idéia. Quem compreende esses três aspectos consegue se elevar até o renascimento na pátria espiritual. Para os que não compreendem permanece o risco de desviar-se da idéia com a criação de um culto e de uma civilização. A consciência individual limita a idéia, sua interpretação é desviada por concepções pessoais e sua realização fica restrita por falta da ener-

gia indispensável para o renascimento. Assim, o hinduísmo, o bramânismo, o budismo e o cristianismo apareceram, elevaram-se a uma altura magistral, para finalmente recair no formalismo. É por isso que novos impulsos são sempre necessários para levar os seres humanos ao bem superior, como uma onda elevando-se acima das outras, mas que após ter alcançado seu apogeu, desaba e rebenta. Dessa forma, a onda que havia alcançado o cume se encontra, então, no ponto mais baixo.

O tempo passa, as circunstâncias mudam e os seres humanos também mudam. As características biológicas do homem de milhares de anos atrás talvez não fossem muito diferentes das de hoje em dia, porém as particularidades espirituais o são. O novo impulso é, muitas vezes, fundamentado em movimentos espirituais anteriores que, depois de terem finalizado sua obra, perderam sua força e se apagaram, deixando nas consciências elementos essenciais.

Então, um novo impulso espiritual carregado de força toca a humanidade para lhe oferecer uma nova oportunidade de salvação. Lao Tsé trouxe uma filosofia iluminada, Buda veio para derrubar as múltiplas deidades do hinduísmo, Jesus apresentou o ensinamento da libertação, e o impulso gnóstico do século vinte constituiu uma nova oportunidade para a humanidade se libertar definitivamente de todas as tradições dogmáti-



cas e distorcidas. Esse processo se repetiu muitas vezes na história do mundo.

As intervenções divinas nunca visam fazer o homem recair nas armadilhas do tradicionalismo e das regras. Elas suscitam uma renovação e sua meta é a regeneração do ser humano. É trágico ver como o impulso do cristianismo desviou-se para o exterior e perdeu seu mistério interior. As novas possibilidades que cada religião mundial trouxe estagnaram na cultura do eu e do ser aural. Seus ensinamentos, que deviam mostrar aos homens como reencontrar sua verdadeira identidade, foram

desviados em proveito de um desenvolvimento do eu e dos poderes da personalidade terrena. Ora, a cultura do eu é um beco sem saída que não oferece nenhum resultado.

O caminho da transfiguração impele o cristão gnóstico atual a fazer renascer e desabrochar dentro de si a alma imortal. A sabedoria eterna sempre indicou a senda verdadeira, e também é assim em nossa época. Esperamos que este número da PENTAGRAMA dê uma clara demonstração disso.

A REDAÇÃO

A ponte entre
o presente e
o passado.
Jardim do Mogol,
Índia.
Foto Pentagrama.

EM BUSCA DA FONTE DA VIDA ETERNA

Por que as religiões não são todas iguais? Cada cultura gera pensadores que chegam à conclusão que Deus é infinito, transcendente, onipresente, que Ele penetra tudo e é idêntico a si mesmo. Então, por que existem tantas religiões diferentes?

As religiões foram constituídas e definidas com base numa interação entre os homens e o impulso espiritual que os alcança. Portanto, existe antes um impulso e dele procede um culto que dá origem a uma cultura. Todas as religiões têm um início, um período de desenvolvimento e um fim. A natureza do impulso e as possibilidades de crescimento estão em relação com o estado de condensação do povo e da etnia nos quais ela se manifesta. Uma religião pode, então, evoluir e se espalhar, ou então cristalizar e deixar de se desenvolver.

A sabedoria do *Vedanta* tem milhares de anos. Essa sabedoria se manifesta no *Bhagavadgita*, nos *Upanishads* e nos *Brahma-Sutra*, três obras que servem de guia ao iogue. A ioga verdadeira ensina que o homem se torna Deus na medida em que, dentro dele, a imagem do ser original é fortalecida. Para auxiliar o homem nessa realização foram desenvolvidas, no longínquo passado, posturas do corpo para religá-lo a determinadas forças do universo. Pela prática da concentração e da meditação, era possível alcançar a unificação com o plano divino e o homem inferior tornava-se uno com o homem superior.

CONSCIÊNCIA NA REGIÃO ASTRAL

O homem daquela época não era tão fortemente individualizado quanto de hoje em dia. Sua consciência era subordinada à do grupo ao qual ele pertencia – como é ainda o caso atualmente entre os seguidores fanáticos de partidos políticos. Sua vida cotidiana era ligada aos ancestrais, aos devas e a outras forças naturais consideradas em pé de igualdade com os deuses. Ele vivia mais conscientemente na região astral e se comunicava com as entidades que lá permaneciam. Sem criar carma, era uma vida de sacrifício e de autodomínio já suficiente para libertar o homem de seu corpo físico, de modo que ele pudesse absorver-se na grande divindade, fosse ela Brahma, Vishnu ou alguma outra.

Cerca de seis séculos antes da era cristã apareceu Buda com seu ensinamento libertador. Era uma orientação totalmente diferente na qual o *sannyasin* desempenhava o papel principal: a renúncia aos três mundos:

- o do próprio homem,
- o de seus ancestrais,
- o das divindades.

Os homens sofriam dominados por seus instintos naturais; eles viviam na impureza de onde provém o sofrimento. Buda ensinou, portanto, a purificação e a eliminação das máculas em muitos aspectos da vida, a fim de expulsar os demônios e reintegrar o divino.

O HOMEM PENSANTE SE APÓIA SOBRE SI MESMO

Seiscentos anos mais tarde, mudança de cenário. Estamos na aurora da

civilização greco-romana que fornecerá às culturas européias muitas concepções, idéias e leis que continuam vigentes em nossos dias. Mas o que aconteceu no campo religioso? O homem pensante já se apóia mais ou menos sobre si mesmo. Ele é responsável por seus atos e – desde que as autoridades permitam – por suas escolhas relativas à sua vida e à sua orientação espiritual. Entramos numa fase inédita do desenvolvimento da humanidade ariana: a busca do divino através da negação e da dissolução da consciência natural.

Nos últimos anos do reinado do imperador romano Augusto, Jesus trouxe seu ensinamento fundamental nessa nova emancipação. Já não se trata somente de abolir o sofrimento, mas de aceitá-lo como um aspecto da natureza. O princípio divino latente no homem deve renascer e se libertar, pois sem esse princípio vivente a alma humana não pode reencontrar a eternidade. Jesus diz: *Ninguém vem ao Pai senão por mim* (João 14:6). O apóstolo Paulo diz: *Assim também é a ressurreição dos mortos. O corpo é semeado corruptível, é ressuscitado incorruptível; é semeado em ignomínia, é ressuscitado em glória; é semeado em fraqueza, é ressuscitado em poder. Semeia-se corpo natural, é ressuscitado corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual* (1Cor. 15:42-44).

Em nossos dias, o foco da consciência está situado na cabeça, portanto, no corpo físico. Segundo a opinião dos esoteristas, os focos dos diferentes veículos coincidem com a cabeça. É por isso que o Espírito, Deus, já não pode ser percebido, sentido, experimentado nem alcançado.

A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, disse Jesus (1 Cor. 13:50). Fórmula perfeitamente

gnóstica. Não nos enganemos: a doutrina da redenção de Jesus Cristo é perfeitamente gnóstica.

Hoje, dois mil anos mais tarde, vemos o que permanece do impulso que derrubou os muros dos dogmas e das regras: foram simplesmente fabricados novos dogmas, construídos outros muros em volta do cintilante núcleo de amor e de liberdade do coração. Que tristeza. Deus foi colocado no céu para ser adorado, e teólogos de todos os tipos edificam-se como intercessores para explicar ao povo o que Ele é. Os gnósticos, que partem do princípio de que o homem carrega uma centelha divina no coração, tiveram de expiar sua audácia.

O HOMEM É UM MICROCOSMO

O tempo passou. Valentinus foi acusado de heresia. Mani fundou uma religião mundial para a alma de luz e agonizou sob os ferros. Paulicianos e bogomilos foram perseguidos e traídos. Os cátaros foram queimados vivos em grande número. Os rosacruz, os templários e outros místicos foram perseguidos e eliminados, tanto quanto possível.

Na Renascença reapareceu o conceito de *microcosmo*. O homem é um microcosmo, um pequeno universo, reflexo do grande universo, o macrocosmo; um mundo em miniatura que contém, entretanto, tudo o que o homem necessita para manifestar o plano divino. Essa concepção espalhou-se rapidamente. O homem da Renascença descobre que ele é um ser autônomo, capaz de reinar sobre o próprio céu e a própria terra.

O desenvolvimento de sua consciência nem por isso terminou. No século XVIII, os enciclopedistas pensavam que sabiam tudo e consignaram



sua ciência em volumosas obras. Nos séculos XIX e XX, a ciência reivindicou seu lugar, e o homem teve de sair de seu isolamento para se tornar um ser social.

Agora, neste início do século XXI, a humanidade está no limiar de uma nova fase de desenvolvimento. Buscamos descobrir novos aspectos da consciência e talvez até uma consciência totalmente nova. Fazemos interpretações e buscamos à direita e à esquerda se existe algo que permita aceder à consciência total. Mas a vida só toma todo o seu sentido quando chegamos a estabelecer a base espiritual no próprio coração. Esse poder espiritual está na base da verdadeira renovação de toda a vida, não enquanto totalidade isolada, mas conduzida numa corrente eterna. Todo o conhecimento depositado no microcosmo através dos séculos impele o homem à realização. Ele deve aceitá-lo. A reação provocada é dinamizada pela corrente de força provinda do núcleo divino no coração.

UM PROCESSO DE REGENERAÇÃO DEVE AGORA ACONTECER

A rosa desperta! E isso transforma o homem. Ele se encontra num processo de regeneração que deve terminar com o nascimento de um corpo espiritual. Nesse momento, sua própria compreensão, a pureza de sua aspiração e de sua intenção e os esforços sustentados são de grande importância. *O corpo é semeado natural, ele ressuscita espiritual.* O corpo espiritual é o homem Alma-Espírito que atravessa as fronteiras da natureza.

Ninguém pode realizar isso no lugar de outra pessoa. Cada um deve trabalhar para sua própria salvação. Cada um deve avançar a partir de seu próprio centro que está ligado ao da

humanidade. É assim que todas as almas são ligadas entre si. Elas constituem juntas uma entidade-alma única; entretanto, os portadores da alma, os egos, tão freqüentemente se odeiam mortalmente. Ninguém pode desvincular-se da humanidade; todos pertencem ao seu corpo.

A Rosacruz Áurea ensina que a natureza terrena é mutável e que não podemos encontrar nela uma felicidade duradoura. O homem passa sua vida a procurar a sabedoria eterna que está depositada no seu coração como uma semente. Quando esta começa a germinar, o espírito desenvolve-se, todavia com a condição de não se subtrair ao processo de crescimento, percorrendo o caminho.

«MEU SER É O MAIS ÍNTIMO DE MEU CORAÇÃO»

O macrocosmo oferece um campo de desenvolvimento planejado, harmonioso, com numerosas almas que são envoltas e permeadas pelo Único, o Incognoscível. Nele, o microcosmo do homem terreno se eleva em espiral. O divino está presente em todos os seres vivos e se revelará no devido tempo.

Os Upanishads são textos gnósticos muito profundos que tratam do Atman do coração, que é uno com a substância divina original. *Esse, meu ser no mais íntimo de meu coração é menor do que um grão de arroz, de mostarda ou de cevada. Esse, meu ser no mais íntimo de meu coração é mais vasto do que a terra, mais vasto do que os ares, mais vasto do que esses mundos. Em todo lugar ativo, em todo lugar aromático, em todo lugar saboroso, onipresente, sem palavras, despreocupado: tal é meu ser no mais íntimo de meu coração. Esse é Brahma.*

Extraído do *Ensino de Shandilya*

A unidade das três doutrinas: Lao Tsé (esq.), Confúcio (dir.) e Buda (criança). Pintura sobre seda. Século XIV.

O RITMO DA ETERNIDADE

Som e silêncio na tradição indiana

Há duas verdades cósmicas: o som e a ausência de som. Agora acontece que o som interior é revelado pelo som exterior.

(Upanishads)

É inegável que a música desempenha um importante papel na tradição indiana. As melodias e os ritmos infinitamente diferenciados são uma reprodução fiel da cosmologia indiana, na qual o tempo intervém de forma específica.

Na tradição indiana fala-se de duas modalidades¹ na compreensão dos diferentes estados do tempo: o modo *Vaishnava* e o modo *Saiva*. O primeiro é espaço-temporal, causal e contínuo. Nele, há lugar para a ética, a moral e a noção de progresso. Os acontecimentos que surgem nessa concepção do tempo são assimilados e classificados segundo sua ordem de sucessão. *Vaishnava* carrega os acontecimentos mundiais; ele é ligado ao deus Vishnu, mantenedor do mundo, e à sua esposa Lakshmi, deusa da fortuna.

O modo *Saiva*, ao contrário, é atemporal, não causal e espontâneo. Encontramos aqui o insight, a “compreensão profunda”, a consciência que transcende o espaço e o tempo. A essência de *Saiva* é criatividade, força de criação; é por esse motivo que *Saiva* é ligado ao deus Shiva, o criador (e destruidor!) do mundo.²

ENTÃO PERECE O UNIVERSO

Um culto é dedicado a Shiva como criador da música. Sua dança mística simboliza o movimento rítmico do universo. Ele encarna o Logos de onde tudo nasce. Como Nataraja, o rei da dança, ele cria batendo no seu tambor, que segura com a mão direita. Quando, na sua criação, elementos negativos ameaçam dominar, Nataraja pára de dançar e de bater no seu tambor e procura um novo e melhor ritmo. Nesse momento, um universo perece. Quando Shiva recomeça a bater no seu tambor, um novo ciclo de criação nasce, um novo universo no ritmo da eternidade.

No *Shivasutra*, um conjunto de aforismos sobre o deus Shiva, são descritas quatro fases da criatividade:

- transcendência (*pára*)
- visão (*pasyanti*)
- transformação e processamento (*madhyama*)
- expressão (*vykharī*)

Essas quatro fases se aplicam a todas as criações, seja uma obra de arte musical ou um universo. Mesmo as criações inferiores respondem a esse processo quádruplo. Sim, cada palavra pronunciada chega à expressão segundo esse princípio, pois falar – em qualquer nível que seja – é criar. Qualquer palavra é criação. Da mais nobre à mais trivial. O artista puro atravessa as quatro fases, conscientemente orientado para uma elevada

Vishnu repousa com Lakshmi. Brahma está no lótus. Escola Parahi. Ca. 1760.



meta. O artista de alma corrompida por desejos inferiores se encontra num nível de vibração mais baixo e se deixa inconscientemente levar por ele. Por conseguinte, sua criação será o reflexo desse nível vibratório. Aquele que escuta com o ouvido da alma vivente saberá discernir entre a arte verdadeira e o kitsch.

«O OUVIDO É O CAMINHO»

Um compositor percebe uma melodia na esfera de vibração transcendente. Ele vê, por assim dizer, os sons, e os transcreve através de símbolos (o solfejo) que permitem reproduzir por meio de instrumentos o que ele concebeu. O ouvinte perceberá isso graças à interpretação que dela dão os músicos de uma orquestra. Ele será tocado e comovido em seu íntimo. A mesma coisa ocorre com as palavras que pronunciamos.

TRECHO DO «LIVRO DOS PRECEITOS ÁUREOS»:

Antes de pousares teu pé no último degrau da escada, na escala dos sons místicos, de sete maneiras diferentes tens de ouvir a voz de teu Deus interno.

O primeiro som é como o da doce voz do rouxinol cantando uma canção de despedida à sua companheira.

O segundo vem como o som de um argênteo címbalo das almas do firmamento despertando as estrelas lucilantes.

O seguinte é como o lamento melodioso do gênio oceânico preso à sua concha.

A este se segue o canto do alaúde.

O quinto chia em teus ouvidos como o som de uma flauta, e em seguida se transforma num toque de corneta.

O sexto soa como o surdo ribombo do trovão.

O sétimo som absorve todos os outros, que morrem para não mais serem ouvidos.³

A palavra é a interpretação de uma vibração. Os Upanishads dizem a esse respeito: *o ouvido é o caminho*, porque o homem deve antes aprender a escutar a fim de poder ouvir a palavra!

CRIAR UMA LINHA FLUIDA

O músico não inspirado, antes de entrar na quarta fase da criatividade, deve trabalhar muito nas três primeiras fases a fim de sondar e de reproduzir algo da “compreensão profunda”. Ao contrário, se ele estiver inspirado, isto é, se sua alma estiver inteiramente aberta à fonte, então o processo de criação se desenrolará em uma linha fluida. Na música indiana clássica, se ela for bem interpretada, encontramos a consciência necessária à criação. É sobretudo o ritmo que tem suas raízes na época védica que desempenha um papel importante.

Os versos dos hinos não escritos, tais como os do *Rigveda*, eram cantados sobre três ou quatro notas. As sílabas eram reunidas segundo sua duração, porque não têm acento. Foi assim que os textos foram transmitidos durante milhares de anos e que o sentido e a duração do ritmo refinaram-se. A mesma estrutura sutil com um entrelaçamento de ritmos complexos é encontrada em toda a música do velho continente indiano.

A forma específica segundo a qual uma determinada civilização compreende o tempo se reflete diretamente nos ritmos de sua música. Os ritmos produzidos pelos tambores dão um bom exemplo disso. Na Índia antiga um grande número de tambores diferentes era usado e cada tipo de tambor devia ser tocado de modo específico.⁴

Para um ocidental, é inconcebível que duas mãos possam tocar sobre um tambor dois ritmos diferentes, por exemplo, uma mão batendo quinze batidas e a outra dezesseis na mesma unidade de tempo. Em nossos dias, os músicos de rua são capazes de bater uma seqüência de ritmos ainda mais complicados, com braços e pernas, usando instrumentos muito variados e misturando sete ou oito ritmos.

O “TALA” COMO CRIAÇÃO CÍCLICA

Um movimento rítmico é chamado *tala*. Cada *tala* tem a sua estrutura própria que é mantida ao longo de uma obra musical que pode durar várias horas. Os talas mais compridos comportam 80 a 100 batidas por unidade de tempo e têm uma estrutura muito complicada. Os ouvintes podem seguir estas peças de música segundo a segundo. Já os ouvintes ocidentais ficam perplexos quando os ritmos ultrapassam medidas com três ou quatro tempos; os músicos ocidentais não se aventuram além das medidas de cinco ou sete tempos.⁵

A música indiana é cíclica. Ataca-se com o *sam* (iniciando em conjunto). Depois de uma seqüência com motivos muito diversos, os músicos se reencontram no *sam* e um novo ciclo começa. Nesse momento preciso o público explode com gritos de

DO RIGVEDA:

*Alento dos deuses e origem de vida do mundo,
Ele vagueia em liberdade.*

*A Ele se dirige nossa devoção, a Ele, de quem
ouvimos a voz, mas de quem ninguém jamais
contemplou a forma.*

alegria, aliviando toda a tensão criada pela lancinante pergunta: será que vão conseguir? Será que se reencontrarão novamente? Ciclos podem se repetir desse modo centenas de vezes e raramente são idênticos.

A palavra *tala* é uma combinação das sílabas “ta”, de *tandava*, a dança cósmica de Shiva, e de “la”, de *Lasya*, uma das parceiras de Shiva.

Essa estrutura musical concorda com a tradição que quer que os ciclos de manifestações se repitam infinitamente, cada um diferente do precedente. Trata-se de uma sabedoria independente do tempo, manifestando-se em numerosas dimensões e em quantidade quase inesgotável; assim, todas as criaturas são reveladas, escondidas e curadas pelo tempo.⁶

NĀDA BRAHMA, O MUNDO É SOM

Shiva domina os processos de criação e de destruição do universo. Ele trabalha com o fogo divino que segura na mão esquerda. O tambor mostra seu poder porque cada batida põe a substância primordial em movimento. Graças ao ritmo do tambor, os macrocosmos e os microcosmos, as galáxias, os seres, as plantas, os deuses e as ondas de vida se formam. Assim, o som traz uma manifestação. A criação nasce da substância primordial. O silêncio entre duas batidas de tambor é um momento de regeneração onde a substância primordial retorna à transcendência. Podemos talvez imaginar, com toda modéstia, algo da ação da Palavra criadora de Deus. O homem em sua forma original, Alma-Espírito, deve aprender a utilizar essa força. O som da Palavra divina revela o amor divino a suas criaturas, enquanto que sua força é oculta no silêncio.

DO BHAGAVAGITA:

O corpo possui um núcleo que é imensurável, imperecível, imortal.

Ele não é submetido nem ao nascimento nem à morte.

Vivo, ele jamais cessará de existir.

Ele não tem começo nem fim.

Ele não morre com o corpo.

Contempla a suave luz que inunda o céu oriental. Em sinais de louvor se unem céu e terra. E dos quádruplos Poderes manifestados sobe um cântico de amor, tanto do Fogo chamejante como da Água corrente, da Terra de suaves perfumes como do Vento uivante.

Escuta! ...do profundo e insondável vórtice dessa luz em que se banha o Vitorioso, a voz sem fala de toda a natureza se ergue em mil tons para proclamar:

*Regozijai-vos, ó homens desta terra. Um peregrino voltou da outra margem.*³

Fontes:

1 SUDARSHAN, E.C.G., *Time in the Indian tradition*, Austin: University of Texas, 1997. Internet: //here-now4u.de/eng/time.in.the.Indian.tradition.htm.

2 BERENDT, J.E., *Das Dritte Ohr – Vom Hören der Welt*, Reinbek bei Hamburg, 1992.

3 Blavatsky, H.P., *A voz do silêncio*, São Paulo: Pensamento, 1991.

4 GRONDEY, L., *Die indische Trommel*. Internet: //141.20.150.19/pm/Leh/StudProj/Grondey/Trommel.htm.

5 ZIMMER, H., *Indische Mythen und Symbole*, Diederichs Gelbe Reihe, 7. Auflage 2000.

6 BERENDT, J.E., *Nāda Brahma – Die Welt ist Klang*, Reinbek bei Hamburg, 1990.

A LENDA DO DESFILE DAS FORMIGAS

Entre as divindades védicas, Indra era um soberano guerreiro. Com sua lança de raio, ele triunfou do titânico dragão das nuvens, libertando de seu ventre as águas, a corrente da vida. Logo depois, ele empreendeu a reconstrução da cidade dos deuses que estava em ruínas. Ele concordou com Vishvakarman, deus das artes e da engenharia civil, em edificar um palácio digno de um rei. Mas mal Vishvakarman havia terminado, Indra tencionou empreender novos embelezamentos. Ele exigia a construção de outros terraços, de outros jardins, queria mais lagos, pequenas torres, pavilhões, represas e grutas. Tanto que ele impeliu Vishvakarman ao desespero, e este só teve por último recurso queixar-se para Brahma, o criador deste mundo, cujo poder ultrapassava em muito o de Indra. Brahma prometeu auxiliá-lo e submeteu o caso a Vishnu, que o escutou.

No dia seguinte, na porta do palácio de Indra, apresentou-se um jovem brâmane irradiante de luz. Indra percebeu que se tratava de uma santa

pessoa e inclinou-se diante dele e o convidou a entrar na grande sala do palácio.

– Ó vós, o mais elevado entre os deuses, disse o jovem, nenhum dos Indras que vos precederam jamais construiu um palácio como este.

A alusão do adolescente de haver conhecido os Indras precedentes atraiu a atenção de Indra. Sorrindo, ele perguntou:

– Diga-me, meu filho, será que os Indras que conheceste, e dos quais ouviste falar, foram realmente tão numerosos?

– Certamente, respondeu o jovem brâmane. Conheci muitos: vosso pai, vosso avô e conheço também Brahma. Eu vivi o pavoroso aniquilamento do universo. No final de cada ciclo, eu vi como tudo desaparece. A vida e o reino de um Indra dura 71 ciclos. No fim de 28 ciclos, há um dia e uma noite de Brahma. A vida de um Brahma dura 800 de seus anos. Um Brahma sucede a outro. Seu número é infinito. Sem falar do número dos Indras. E os universos que nascem a cada instante, quem pode medir-lhes a duração?

Enquanto o jovem falava, uma coluna de quatro braças de formigas marchou através da sala. O jovem interrompeu-se e riu um riso cristalino, depois se calou.

– Por que riste? Quem és tu? balbuciou Indra. O jovem respondeu:

– Vendo passar as formigas em longa procissão, pensei que cada uma delas havia sido um Indra. Como vós, cada uma já alcançou o nível de rei dos deuses pelos seus atos meritórios e religiosos. Mas, por causa de seus atos horríveis, elas caíram e se encontram agora encarnadas em formigas. Os soldados deste exercito de formigas não foram Indras a não ser uma única vez.

Ouvindo isso, subitamente Indra achou que seu projeto de construção, afinal de contas, era desprovido de interesse e se reduzia a nada. Ele acertou o salário de seu arquiteto, liberou-o de suas obrigações e se voltou para a vida de anacoreta. Com o auxílio de um religioso muito esclarecido, sua esposa bem-amada, Shakti, conseguiu dissuadi-lo.

Esta bela história em que Vishnu aparece, ele mesmo, na pessoa do jovem radiante de luz, conta como epílogo que Indra arrependeu-se, currou-se de seu orgulho insensato e de sua ambição desmedida antes de retomar o seu designado lugar na criação.

(Extraído de: Zimmer, H., *Indisch Mythen und Symbole*, Diederichs Gelbe Reihe, 7. Auflage, 2000.)

A idéia indiana de tempo – kâla – remete a um fenômeno sem fim e sem limite. A mitologia o representa freqüentemente como uma roda – kalpa – que gira através de ciclos diferentes, da criação ao aniquilamento, e do caos à criação. Um kalpa corresponde a uma vida do criador Brahma. Oitocentos anos de Brahma correspondem a 311 040 bilhões de anos. Um kalpa começa com o nascimento de um Brahma e termina com a sua morte. Um novo Brahma nasce, e assim por diante.

Um kalpa compreende mil ciclos, e cada ciclo compreende quatro yuga ou eras do mundo. A primeira era é a idade de ouro, a idade da inocência e da verdade. É a que dura mais tempo. Mas a verdade se altera e começa então a segunda era, que é mais curta. Este período vê diminuir lentamente a virtude e a duração da vida. Depois vem outra ainda mais curta, a terceira era, durante a qual viveram Rama e Krishna, os heróis do Ramayana e do Mahâbhârata. Por fim começa o kali yuga, uma idade negra, o período atual. O que caracteriza o kali yuga são a ignorância, a impiedade, a violência e a concupiscência. No fim de um kali yuga, Vishnu, o guardião do mundo, desce sobre a terra sob a forma do guerreiro Kalki. Ele aniquila o mal e preserva o bem para a próxima manifestação de uma criação. De um aniquilamento até uma nova criação, durante uma noite cósmica, Vishnu descansa na serpente enrolada da eternidade.

CONVERSA ENTRE NACHIKETA E YAMA, DEUS DA MORTE

Do Kathaka Upanishad

O *Kathaka Upanishad* é tirado dos *Upanishads* que constituem, eles mesmos, o ramo mais recente da literatura védica. A etimologia mais provável remete à palavra da raiz «*sad*», sentar-se, com os prefixos «*upa*» e «*ni*» que acabam de descrever o círculo dos discípulos reunidos aos pés do mestre. São tratados filosóficos sobre assuntos como «*a verdade no pano de fundo do mundo*», «*a origem da verdade*» ou ainda «*a verdadeira natureza do homem*».¹⁻³

Nachiketa é filho de um brâmane; ele escuta Yama, o deus da morte, lhe falar do «além dos limites» e da forma de ser libertado da morte. No momento em que começa o relato, o gado destinado aos sacrifícios é recolhido. Os descendentes de Vajashravas, de boa vontade, fazem a oferenda de tudo o que possuem; seu filho, o jovem Nachiketa, sente a fé invadir seu coração. Ele pensa em seu íntimo: sem alegria são os mundos para onde vai aquele que oferece esses animais. E ele pergunta a seu pai: *Pai, a quem vais imolar-me?* Ele faz esta pergunta três vezes e seu pai acaba por responder: *Consagro-te à Morte.*

Essas palavras fazem pensar na história bíblica em que Abraão se apronta para sacrificar o filho Isaac. Abraão também era sacerdote, porém um sacerdote provado por Deus, o que não era o caso do brâmane. Além do mais, Nachiketa oferece-se a si mesmo em

sacrifício enquanto que Isaac é oferecido por seu pai. A história de Nachiketa vai mais longe. Quando Nachiketa se aproxima de Yama, este diz: *Ó brâmane, se passares três noites em minha morada, na qualidade de convidado de honra, sem tomar alimento, poderás formular três desejos.* Yama não terá dificuldades de satisfazer o primeiro desejo: logo que Nachiketa tiver descido ao reino dos mortos, ele poderá facilmente retornar para o seu Pai. Yama está igualmente em condições de satisfazer o segundo desejo de Nachiketa que é de lhe ver indicado o caminho que leva ao céu. Mas no terceiro desejo, o deus protesta com veemência quando o jovem deseja aprender as coisas do além. *Escolhe de preferência te tornares rico ou viver muito tempo. Sê o mestre de uma vasta terra e farei de modo a te dar toda satisfação. Exige, se quiseres, todos os prazeres os quais são difíceis de alcançar. Mas não me perguntes o que ocorre depois da morte.*

A reação de Yama, no primeiro desejo, mostra que ele não pede a Nachiketa que lhe dê sua vida. Ele conhece as leis que ele mesmo determinou, e, portanto, aguarda pacientemente, uma vez que sabe que todos os homens retornarão a ele um dia. Do mesmo modo, ele pode, sem hesitação, ensinar a Nachiketa o caminho do céu mostrando-lhe como acender o fogo divino. É um caminho de adoração e de entrega sobre o qual se triun-



Arjuna guia
o carro solar
de Surya.
Miniatura do
século XVIII.
Museu Bharat
Kala, Varanasi,
Índia.

fa da velhice e da morte. É, portanto, muito surpreendente que o deus não tencione de modo algum aceitar o terceiro desejo e não queira dizer nada a respeito de seu reino, nem da vida depois da morte. Trata-se aparentemente de algo mais do que a devoção que, segundo a tradição, leva ao céu. É um conhecimento e uma compreensão que são o fruto da renúncia e da busca da verdade.

À oferta de felicidade e de delícias terrenas que lhe faz Yama, Nachiketa responde: *Essas coisas durarão somente até o dia seguinte, ó destruidor da vida, e os prazeres que elas conferem desgastam os sentidos. Ficai, portanto, com os cavalos e as carruagens, com a dança e a música para vós mesmo! Como poderá desejar a riqueza, ó Morte, aquele que uma vez já viu a vossa face?*

Nós não vivemos além do que permites. O voto que formularei será sempre o mesmo: obter esclarecimentos sobre um mundo do qual ignora-se tudo e sobre o que existe além dos limites. É esse voto que formulo do mais profundo de meu ser e nenhum outro. É a escolha de Nachiketa.

Yama conhece as leis do “país além

dos limites”; ele sabe também como um homem pode libertar-se dele. Mas quando Nachiketa reitera seu voto pela terceira vez, o deus da morte deve executá-lo. Ele acaba por responder a Nachiketa com as palavras: *Aquele que, meditando sobre si mesmo, conhece Deus, esse Deus invisível e escondido que reside no segredo, na profundidade, esse é um sábio que abandona o sofrimento e a alegria. Ínfimo, imenso, Atman vive no coração da criatura. Aquele que está sem desejo, sem tristeza, contempla, pela graça do Criador, a majestade de Atman.*

Esse processo de renúncia que libera o núcleo divino no coração é universal e pertence a um ensinamento dado ao homem desde a aurora dos tempos.

Yama continua: *Não se pode compreender o que é Atman nem pela educação, nem pelas oferendas, nem pela erudição. Somente aquele que lhe libera interiormente o caminho pode compreender. Atman se revela a ele. Mas aquele que não abandona os caminhos tortuosos da existência, aquele que não atinge a paz e o autodomínio, aquele cujo coração não é tranqüilo, esse jamais*

As duas trindades do hinduísmo:

- a horizontal ou mitológica se compõe dos três aspectos do *Ishvara* (o Ser): *Brahma*, o criador, *Vishnu*, o mantenedor, e *Shiva*, o deus da destruição e das metamorfoses. Notemos a diferença entre *Brahma* e *Brahman*. *Brahma* representa os três rostos de *Ishvara*. *Brahman* é o princípio supremo.
- a trindade vertical (*Satchitdananda*) é a que simboliza as três dimensões interiores do princípio supremo:
 - sat = ser, objeto, última realidade, transcendência;
 - chit = consciência, sujeito, ser último, imanência;
 - ananda = beatitude, união.

René Guénon, especialista em hinduísmo, diz que a trindade vertical (ser-consciência-beatitude) se assemelha à trindade cristã Pai-Filho-Espírito Santo. Existem, aliás, muitas semelhanças entre o cristianismo e o hinduísmo.⁵

encontrará Atman porque lhe falta conhecimento.

Aborda-se aqui a questão da graça. Ela não é obtida nem através de oferendas nem pelo acúmulo de ciência mundana. Trata-se, na realidade, de uma conversão de todo o ser. O coração humano deve se apaziguar, isto é, libertar-se dos vínculos invisíveis que o prendem ao mundo. Os egípcios utilizavam a mesma imagem: antes de poder alcançar Osíris, é preciso que Anúbis, o deus da morte, pese o coração, que deve ser leve como uma pluma de pássaro.

Yama se serve de uma comparação encontrada também no *Bhagavadgîta*: *Sabe que Atman assemelha-se a uma carruagem atrelada: o corpo é a própria carruagem, a consciência é o cocheiro, a inteligência, as rédeas; as faculdades sensoriais são os cavalos e o mundo objetivo percebido é o caminho. O ser ligado aos sentidos e à inteligência, os sábios o chamam «aquele que está na volúpia», aquele que não possui a justa compreensão, que não faz de sua cons-*

ciência o cocheiro de sua carruagem, que não pode dominar seus cavalos selvagens. Aquele que, ao contrário, conduz corretamente seus cavalos e os domina com sua inteligência, esse alcança a meta de sua viagem: o sublime trono de Vishnu.

Vishnu é o mantenedor da criação. Ele se encarna nos seres divinos, como Rama e Krishna, a fim de influenciar o curso das coisas terrestres.⁴ Seu grandioso trono se encontra além da criação, na fonte da força libertadora que se derrama sobre o mundo e a humanidade. Ele é um aspecto do Verbo divino, do Logos, ao qual o próprio Yama deve, em última análise, se submeter.

Por fim, Yama resume sua mensagem e revela àqueles que julga dignos de conhecer seu segredo o meio de escapar a sua própria dominação: *aquele que venera o que é desprovido de som, de sentimento, de forma, de mudança, de gosto, aquele que é eterno, sem medida, sem começo nem fim, que é maior do que o grande ser, indestrutível, aquele será libertado do império da morte.*

Nos Upanishads, a doutrina secreta da Índia, encontra-se a idéia de que tudo deve estar a serviço “Daquele”, o Deus supremo. O deus da morte mantém as almas atadas à roda do nascimento e da morte. Mas às almas evoluídas ele revela como podem escapar ao circuito para encontrar a passagem para o mundo divino.

Fontes:

1 GUNTURU, V., *Hinduismus*, Munique: Diederichs Gelbe Reihe, 2000.

2 THIEME, P., *Upanishaden*, Stuttgart: 1966/1999.

3 HILLEBRANDT, A., *Upanishaden*, Munique: Diederichs Gelbe Reihe, 2001.

4 BLOK, J.A., *Oepanisjads*, Deventer: Ankh-Hermes, 1976.

5 GUÉNON, R., *La grande triade*, Paris: Gallimard, 1946.

OS SIGNIFICADOS DE ATMAN

A palavra sânscrita Atman designa o Ser. Os Upanishads mostram a relação que existe entre Atman e Brahma, aquele que é auto-suficiente, o Espírito divino, a essência divina e a fonte de onde provém a criação inteira.

A palavra *Atman* é também um pronome reflexivo, como a palavra *self* em inglês. O si-mesmo pode significar várias coisas segundo o estado de

consciência. No poema sânscrito *Bhagavadgita*, o autor expõe amplamente esses diferentes significados e seu alcance, a saber: para um ser que se encontra no caminho da verdade suprema, Atman representa a composição humana, com o corpo, os sentidos, a vida mental e emocional, que finalmente alcança o Ser; desta vez Atman é, no sentido exato, a centelha divina no coração do homem.

Eis algumas citações ilustrando essas diferentes acepções:



Versículo 7:

Nele [...] Atman é muito puro, nele que venceu seu ser, [...] aquele cujo Ser tornou-se idêntico ao Ser de todos os seres, seu comportamento será puro. Aqui Atman designa o espírito humano, o ser (o corpo) e o Ser (a Alma).

Versículo 11:

[...] eles se comportam de modo a purificar o Ser (Atman). Atman significa aqui o espírito humano.

Versículo 16:

...porém, aquele em quem a ignorância foi abolida pelo conhecimento do Ser (Atman), a sabedoria ilumina esse sublime. Aí estamos em presença do verdadeiro significado de Atman.

Versículo 21:

Quando o Ser (Atman) é desprendido das coisas exteriores, ele sente a alegria encerrada no Ser (Atman)... Aqui, Atman significa a faculdade de pensar. Ele é precisamente o único verdadeiro Ser.

Versículo 26:

Para os que se consagraram ao conhecimento do Ser (Atman), a benção de Brahma está em tudo. Aqui também Atman significa o único Ser.

Todos esses significados da palavra Atman mostram as diferentes fases do processo no decorrer do qual toma-se consciência do Ser até identificá-lo e reconhecê-lo.

A GRANDE VIAGEM DE RETORNO*

«A grande viagem ascendente para o lar do Pai conduz através de todas as regiões da natureza da morte, seguindo as fases de um processo. (...) Nesse universo encontram-se incontáveis sistemas, do mais primitivo ao mais refinado.

Existem miríades de seres e ondas de vida que se diferenciam em espécie e força de forma surpreendente. É um oceano de manifestações, insondável e imensurável, manifestações essas que se movimentam dentro dos limites da impiedade e da decadência fundamental e estrutural. É o oceano de vida da experimentação, um gigantesco campo de trabalho para os aprendizes de feiticeiro entregues a si mesmos.

Algumas regiões estão como que mergulhadas em profundo sono, em outras reina uma atividade efervescente e dinâmica, outras demonstram a vertigem e o torvelinho da obsessão, mas em todo lugar sentimos a limitação e a atividade febril do nascimento, florescimento e desaparecimento. Tudo e todos seguem curvados sob a maldição de ser praticamente constrangidos a tudo empreender e empregar todos os meios para “dali ainda extrair alguma coisa”. Neste oceano extremamente ativo e multiforme, nossa própria esfera refletora microcós mica e a do nosso cosmo são absolutamente insignificantes.

Se a natureza da morte consistisse apenas de nosso campo de vida com suas duas esferas, livrar-se dela seria relativamente fácil. Entretanto, o homem existe num universo da morte. Por esse motivo, a viagem de volta ao

lar é um processo poderoso, de uma dimensão imensa, uma evolução que se expande em espirais, na qual não se pode falar mais em luta como a conhecemos em nossa ordem de universo. Não há conflito no próprio ego, porém, uma intervenção de poderosa corrente de forças sem agressões pessoais em que o ímpio deve ceder o passo ao divino. Não devemos encarar esse contexto como uma grande viagem através de um atoleiro de maldade abominável e crimes horrendos, porém, como a representação de uma obra multiforme da desordem, da ilusão de bondade, do enaltecimento de si mesmo e da busca universal.

Da mesma forma que em nosso campo de vida uma Fraternidade Universal sétupla atua para viabilizar uma veste de luz para os redimidos, também em todo o universo da morte existem os grandes redutores e seu campo de trabalho. Todos os libertos fortalecem esses grupos e, através de sua veste de luz, esse poderoso manto que envolve seus companheiros, colaboram para destruir a ilusão.

No universo visível, em escala humana, reina uma grande magnificência sob muitos aspectos, mas, aos irmãos e irmãs do quarto grau, a ilusão dessa magnificência evidencia-se completamente, pois a terceira veste que eles podem e devem tecer é uma veste da majestade divina primordial que ninguém conhece no espaço sujeito à primeira lei. Não há uma única criatura no universo da morte que possa possuir essa veste.»

* Extraído de: *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia* (obra em preparação).



A IRREALIDADE DO PASSADO,



Na mitologia indiana, um determinado número de descrições simbólicas dizem respeito a esse cosmo no qual se desenvolveu o jogo das aparências e das oposições. Descobrimos que o mundo é constituído de diferentes domínios que abrangem tanto o mundo subterrâneo do reino dos infernos como o reino celeste do além.

O mundo flutua sobre o oceano original. Desde as mais altas esferas até as mais baixas, *Yama*, o deus da morte, faz reinar eternamente a transformação e a impermanência. Os próprios deuses das mais elevadas esferas não são infalíveis e, segundo muitas lendas, descobrimos como foram cegados e precipitados nas regiões mais densas do universo. A Índia antiga negava toda a realidade no passado, no presente e também no futuro. Ela representava o tempo como um palco onde nasce e morre o mundo transitório das aparências. O tempo, assim como o espaço, é feito de oposições (*dvanda*). Ambos são gerados na ação dos três *gunas*, que são três fios da corda que amarra o homem sobre a roda do nascimento e da morte¹:

- *Tamas*, a gravidade e a ignorância, liga pela negligência e pela indiferença;
- *Rajas*, o movimento, a ação, liga pelo orgulho e a vaidade, e pela tendência ao ativismo;

DO PRESENTE E DO FUTURO

- *Sattva*, a harmonia, a paz e a clareza, liga pela tendência a procurar a felicidade e os conhecimentos.

Um ocidental ficará certamente espantado de ver que os indianos dos tempos passados contavam a harmonia e a paz entre o número de vínculos que prendem a este mundo. É uma concepção totalmente estranha à sua ética. A imagem dos três fios da corda corresponde, no entanto, à visão dos gnósticos para quem o bem e o mal se unem um ao outro neste mundo da dualidade. O bem que o homem faz mantém o mal: “Fazer o bem” não é nada libertador.

A concepção do mundo, na Índia antiga, é muito diferente da nossa. Não falaremos de utopia, mas de uma descrição muito minuciosa dos estados de consciência e das forças que dominam o homem. Nessa representação, há sempre algo que remete a uma ligação com o Absoluto. O Absoluto é, aqui, o “Axis Mundi”, o Monte Meru, que se eleva em um lugar inacessível ao comum dos mortais, uma vez que ele se encontra no centro da terra.

Além das recorrentes tribulações, decepções e sofrimentos do mundo dos altos e baixos, existe um princípio eterno que liga o mais profundo dos infernos e o mais elevado dos céus com o prana original e abarca todos os mundos. “Deus não deixa perecer a obra de suas mãos”, como é dito na Bíblia.

A EXISTÊNCIA DE UM MUNDO SE DIVIDE EM QUATRO PERÍODOS

Segundo a antiga sabedoria dos indianos, o mundo está em queda e continua a se atolar na luta das oposições (*dvanda*) e na ilusão (*maya*). Atualmente ele alcançou o ponto mais baixo, a matéria grosseira, as trevas. Esse nadir será seguido de um período de alívio em que a matéria será menos densa.

Um período do mundo consiste de quatro épocas, sendo a primeira a mais longa, a última a mais curta. Quanto mais o mundo se afasta de seu domínio de origem, que é santo, mais ele se afunda na matéria e mais os períodos se tornam curtos, tornando-se cada vez mais difícil aos grandes iniciados descer no mundo para auxiliar a humanidade.²

No *Krita Yuga*, o *dharmā*, a força universal da Gnosis, penetra o universo. Todos os seres vivos se consagram inteiramente a manter a ordem sagrada. O nome *Krita* faz referência à origem, ao primeiro lançamento de dados no jogo de azar. O número quatro exprime uma totalidade. A primeira época se auto-sustenta. Ela se “mantém sobre quatro pernas”.

No *Tetra Yuga*, o ritmo do mundo se acelera. Só três quartos do *dharmā* sagrado estão presentes. As leis sagradas já não são espontaneamente postas em prática, mas devem ser ensinadas e aprendidas. A ordem divina só se “mantém sobre três pernas”.

O tempo é dividido em imensos períodos nos quais figuras importantes deixam sua marca espiritual. Batente de porta. Sanchi, Índia. Final do séc. II.



Vishnu Sudarsana de oito braços no trono do lótus. O círculo simboliza o cosmo. O hexágono é o selo de Salomão representando a trindade divina que penetra a cabeça, o coração e as mãos do homem. Escultura em cobre. Vijanagar, ca. 1600.

O *Dvapara Yuga* (*dva* = 2) é a época em que foi estabelecido o equilíbrio entre a perfeição e a imperfeição. O conhecimento direto da ordem divina é cada vez menos acessível.

No *Kali Yuga* (*kala* = negro, tenebroso) a transmissão das normas santas é totalmente perdida. No jogo de dados, *Kali* é a jogada do perdedor. Segundo o *Vishnu Purana*, o *Kali Yuga* começa quando na sociedade o único poder é o da riqueza, a única virtude, a posse, a única ligação entre o homem e a mulher, a paixão, a única fonte de prazer, o acasalamento, o único fundamento do sucesso, a traição...³ A destituição do divino, do *dharm*a, do ensino, é a razão pela qual o *Kali Yuga* dura menos tempo. Esta época, na qual a humanidade atualmente se encontra, dura 432 000 anos e começou na morte do divino Krishna (por volta de 3120 a.C.).

OS VÉUS DA IGNORÂNCIA SE RASGAM

O homem deve libertar em si mesmo a substância divina. Os Upanishads cantam, em versos magníficos, o progresso até a união com Brahman, o divino original. Essa realização é alcançada quando as cinco camadas dos “véus da ignorância”, como os chama Shankara, se rasgam⁴.

A história da espiritualidade indiana é constituída de uma série de tentativas para acompanhar a queda do homem na matéria e indicar-lhe o caminho da reintegração divina. Em outras palavras, libertá-lo do ciclo dos nascimentos, das garras de Maya, a ilusão. No início ainda era possível se libertar simplesmente rasgando os véus da ignorância para ver a ausência de realidade do mundo das aparências. Mais tarde, o homem precisou se submeter a um processo inteiramente apoiado pelo budismo, entre outros. Em seguida, à medida que o homem afundava na matéria, foi preciso criar novas condições para que ele pudesse retornar a sua origem. Quinhentos anos depois de Buda, Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo”. Seguir-lo significa seguir um caminho no qual o inferior deve morrer e abrir espaço para a nova Alma.

Na antiga tradição indiana, a morte é considerada como um fenômeno natural e não como uma oferenda necessária do ser inferior. Essa mes-

ma tradição transmitiu métodos espirituais concernentes ao homem dessa época, isto é, um tipo de homem dotado de aptidões diferentes das do ocidental de hoje. Sua consciência não era tão individualizada, ele não estava ainda tão absorvido pela matéria grosseira quanto pode estar o ocidental, cuja consciência só é voltada para o seu bem estar. Na época da qual falamos – há muitos milhares de anos – os homens pertenciam a uma comunidade na qual o indivíduo nada mais era que um “instrumento trabalhando inconscientemente” no grupo. Seus pensamentos, seus sentimentos e seus atos eram determinados pelo grupo. A ilusão da liberdade individual, tal como ela é mantida na nossa sociedade de consumo, não existia ainda.

Se constatamos hoje a atração exercida sobre muitos ocidentais individualizados pelos sistemas orientais, temos o direito de perguntar em que medida essa necessidade de “sabedoria exótica” seria devida à aspiração a um mundo “reconciliado”, unindo o oriente e o ocidente. Mas essa época da história da humanidade está ultrapassada. O caminho da libertação espiritual é percorrido na atualidade, hoje e agora: eis o que já ensinava a antiga sabedoria indiana.

Aquele que reconhece Deus oculto em si, no original-eterno, misterioso, que permanece no coração, eleva-se acima da alegria e da dor.

*O espírito não nasce e não morre,
Ele não provém de nenhum lugar
e não vai a nenhum lugar.*

*Ele é imutável e eterno,
Ele está vivo mesmo que o corpo
esteja morto.*

*Ínfimo e, no entanto, maior do que
o maior,*

*Deus está escondido no coração da
criatura.*

*A majestade do ser reconhece, na
calma,*

*Aquele que, sem desejo, libertou-se
da dor e das preocupações.*

(Extraído do Ensino dado a Nachiketa pelo deus da morte, Yama.⁵)

NOTAS:

1,2,3 ZIMMER, H., *Philosophie und Religion Indiens*, Baden-Baden, 1973; e *Mythen und Symbole in indischer Kunst und Kultur*, Zúrique: Rascher, 1951.

4 Isso corresponde aos corpos sutis descritos na grande tradição esotérica ocidental:

- . o invólucro do corpo material, mantido em condições pela alimentação;
- . o corpo vital, mantido pelas forças da vitalidade;
- . o invólucro formado pelo sistema sensorial e a alma;
- . o invólucro formado pelo conhecimento e pela compreensão; e
- . o formado pela beatitude (*ananda*).

5 GLASENAPP, H.V., *Indische Geisteswelt*, Wiesbaden, 1958.

A QUARTA DIMENSÃO NA FILOSOFIA INDIANA

Em busca do segredo do tempo

O mundo material em suas diversas gradações de densidade é definido pelo tempo e espaço. Todas as criaturas neste mundo são, portanto, igualmente submetidas à lei do espaço-tempo. Elas surgem, brilham e desaparecem. Seu nascimento e perecimento são determinados.

O ser humano faz para si mesmo uma representação do tempo conceitual. As imagens definem sua compreensão do mundo onde vive, suas experiências de vida e suas expectativas. Porém, há algo nele que se revolta contra o vir a ser e a compreensão no tempo, algo que o faz se perguntar por que nasceu no tempo.

Já desde os primórdios do tempo o ser humano está ocupado com esse paradoxo. Além disso, é notável que, com os milhares de homens no interior da mesma ordem de espaço-tempo, eles sejam tão apartados segundo suas percepções e conclusões. Por exemplo, de acordo com a visão moderna ocidental, o tempo é uma linha irreversível que caminha do presente até o futuro. Assim, o tempo é medido de modo linear até nas subdivisões em segundos. Tudo o que acontece é visto, vivenciado e compreendido a partir da tela do tempo previamente definida. Daí as pessoas tomarem essa imagem objetiva como ponto de partida. Porém, segundo outra visão – como aquela que surge na grande civilização indiana – o tempo caminha em círculos ou em espirais.

A arte e a música que o homem vê e

ouve dependem de sua consciência. Portanto existe o tempo não objetivo, mas subjetivo, e existem muitas variações possíveis. Então, também não é nada surpreendente que a cronologia, segundo a filosofia hindu, seja, de modo geral, nada confiável aos olhos ocidentais, uma vez que os acontecimentos históricos em sua maioria são descritos simplesmente como “tendo passado há muito tempo”. O tempo não constrói nenhum cenário objetivo que sirva como pano de fundo para o mundo, embora seja um componente essencial do mundo.

TEMPO PROFANO E TEMPO SAGRADO

Acontecimentos exteriores são controlados através do tempo. Tudo o que acontece se torna fato quando registrado pelo tempo. Cada causa tem um efeito que se torna nova causa diante dos pensamentos, emoções e atos que dele resultam. Na tradição hindu esses processos são vistos como uma corrente de tempo profano que flui do presente até o futuro. Além disso, existe uma contra-corrente de tempo que flui do presente ao passado, às causas. Na vida profana, o presente influencia o futuro, porém não afeta o passado. Essa imagem vai ao encontro daquela do tempo linear. Somente no presente o tempo – esse momento – pode ser influenciado, e as consequências dessa influência serão demonstradas, então, no futuro.

No tempo sagrado, desenvolve-se no homem uma profunda compreensão através da qual a ignorância desa-

parece. Aflição e ignorância não nascem desse tempo. Segundo Buda, elas sempre estiveram presentes na criação temporal, mas desaparecem logo que a dimensão do tempo é abolida.

E o próprio insight [a compreensão profunda] ilumina o passado, afasta a ignorância e revela a harmonia da experiência restrita, e assim afeta o passado. Nesse contexto, a iluminação é instantânea e sem esforço, porém o brilho dessa iluminação pode durar por longo tempo, talvez toda uma vida. A percepção de momentos de tal contra-corrente está no tempo sagrado.¹

Quando um homem vivencia a dimensão do insight no presente, vive simultaneamente em duas correntes de tempo distintas. Embora a cronologia da personalidade participe do tempo profano, a consciência em crescimento toma parte do tempo sagrado.

Podemos comparar o tempo profano à escória irregular que se forma em cima do fluxo de lava ardente. Durante a vida profana, a consciência humana vai tateando ao longo das saliências dessa crosta como se fosse uma roda dentada. Todavia, no caso do tempo sagrado, essa consciência mergulha no fluxo ígneo e se movimenta livremente, sem os obstáculos impostos pela escória.

A QUARTA DIMENSÃO

Na tradição indiana, cada estado de consciência tem seu próprio nome. A consciência de vigília é denominada de *jāgrat*, a consciência de sonho que corresponde à clarividência é chamada *svapna*, a consciência do sono profun-



do *susuptâ*. O quarto estado, comparado com aquele do sono sem sonhos, é indicado como *turiya*. Este último estado é colocado em conexão com o vivenciar do tempo sagrado do insight. O caminhar interior nesse estado não acontece por si mesmo, mas é o resultado de um processo de despertar consciente. Esse processo coloca o homem diante dos três estados de consciência cronológica dos quais emanam as três dimensões ou esferas de sua realidade de vida. Quando tiver vivenciado e integrado essas experiências, ele poderá então transcendê-las. Então, o quarto estado de consciência poderá despertar, o que o tornará totalmente livre e firme no presente. O filósofo e antropólogo cultural Jean

Krishna tocando flauta. Baixo relevo do séc. XVIII. Coleção M.Séverin, Bruxelas.

Gebser explora esse tema em seu livro *Ursprung und Gegenwart* (Origem e presente). Ele discorre sobre uma nova consciência humana que indica como «a-perceptiva» ou «integral». Sua descrição vem em grande parte ao encontro da visão indiana da compreensão profunda no tempo sagrado.

No estado de consciência integral, o homem apreende os princípios de seu mundo em qualquer lugar, independente de suas percepções, experiências e concepções do mundo às quais está também ligado. Quem vê conscientemente os fundamentos já não é levado a confusões, mediante a multiplicidade, a instabilidade e as relações mútuas das formas, onde quer que lhe aconte-

çam. Quem se torna consciente das três formas de tempo fundamentais pode dar o passo para conquistar a quarta dimensão.²

Gebser diz: *A origem é sempre atual, no presente. Ela não é um começo, porque todo começo é ligado ao tempo, e o presente não é nada além do agora, do hoje ou do momento. Ela não é parte do tempo, mas uma atividade completa e é, portanto, também sempre original. Quem, nesse estado, é origem e presente, em sua totalidade, também incorpora, realiza e concretiza, vence o início e o fim, e isso sozinho, porém no momento atua.*

EU SOU O TEMPO QUE DISSOLVE
A TERRA

O despertar no campo da alma-espírito, a entrada na esfera astral pura do corpo vivo magnético exige uma visão absolutamente nova, isto é, ver a entrada no que denominamos a quarta dimensão, a quarta dimensão do espaço. O ser humano conhece três dimensões: altura, comprimento e largura, pelas quais ele percebe um espaço vital. Mas por mais longe que ele estenda esse espaço tridimensional ou que ele o imagine, este tem sempre um limite, uma fronteira: é uma prisão. Vemos que em nossa época esse aprisionamento é sentido de uma maneira inconsciente: com efeito, sendo nosso globo terrestre totalmente explorado no ponto de vista tridimensional, os astrofísicos procuram alcançar outros corpos celestes. Sob o impulso desenfreado que a evolução exerce atualmente, a humanidade sente-se apertada, ela se sufoca nas três dimensões. E a ciência reage de forma tridimensional, procurando aumentar e alargar esse espaço o máximo possível! Está claro que as dificuldades atuais desapareceriam logo se existisse uma quarta dimensão da qual a ciência pudesse reconhecer a realidade. Ora, essa quarta dimensão existe! Ela é a dimensão que denominamos de onipresença absoluta, ou ubiqüidade.

Extraído de *A palavra vivente*, Catharose de Petri (obra em preparação).

No *Bhagavadgita* é citado um diálogo entre o príncipe *Arjuna* e o deus *Krishna*, seu conselheiro. Isso acontece diante dos exércitos, antes da batalha começar.

Krishna diz: *Eu sou o ser interior de todas as criaturas. Eu sou o princípio, o meio e o fim* (X, 20). Depois de lançar um olhar sobre a figura oniabarcante de *Krishna*, *Arjuna* diz: *Eu te vejo em todo lugar, infinito em tuas formas, com muitos braços, corpos, bocas, olhos: formas sem fim. Não posso discernir nem começo, nem meio, nem fim, nem tua fonte, Ó Senhor do Todo; eu te vejo, ó figura universal* (XI, 16). Depois *Krishna* responde: *Eu sou de fato o tempo, que dissolve a terra* (XI, 32).³

Fontes:

1 SUDARSHAN, E.C.G., *Time in the Indian Tradition*, Internet: www.here-now4u.

2 GEBSER, J., *Ursprung und Gegenwart*, Stuttgart: 1973.

3 GLASENAPP, H. v., *Upanishaden-Die Geheimlehre der Indier*, Munique: 2001.

O DOMÍNIO DAS ILUSÕES

«O que é este mundo? Maya. Qual é a sua causa? Nossa ignorância. O que é a ignorância? Novamente Maya.» Maya é não somente a causa das ilusões que engendram a estreiteza de espírito, o ódio e os desejos, como também a própria ilusão.

O homem original era um ser poderoso, setuplamente manifestado, cuja forma mais elevada é designada na Índia pelo termo *Atman*. *Atman* é imortal, todavia não é perceptível, pois é oculto pelos fenômenos terrestres transitórios. Em inúmeros escritos antigos da Índia, os fenômenos da matéria sutil ou densa – incluindo o corpo físico – são qualificados de *Maya*. Para libertar *Atman* da sujeição de *Maya*, é preciso se voltar para o átomo divino do coração, a “jóia do lótus”.

Maya é a força cósmica que cria e também possibilita a percepção das ilusões. A sabedoria hindu só concebe como real aquilo que é imutável e imperecível. Tudo que se transforma, se desagrega e desaparece, que tem um começo e um fim, é considerado como *Maya*. Nestas condições, o homem desta natureza suscita fenômenos passageiros com os quais se identifica. Assim, ele mesmo é *Maya*, ilusão e irrealdade.

Todos os elementos, materiais e forças estão potencialmente presentes na substância primordial; do mesmo modo, o potencial da eternidade está presente em todo fenômeno mortal. O coração sempre encerra esse “potencial de eternidade”, mas progressi-

vamente perdeu a consciência divina. Existem, portanto, duas consciências diametralmente opostas: a consciência do homem prisioneiro de *Maya* e aquela do homem no qual *Atman* fala em sua forma mais pura, naquele que é um com *Brahman*.

Tudo que é mortal não pertence à única Realidade, segundo a antiga sabedoria hindu. Aquilo que encerra a consciência inferior não tem qualquer realidade e tem por nome *Maya*. O mundo da ilusão se opõe, aqui, ao mundo do Criador; porém, fora Dele, nada existe. O que é mortal é da vida divina não liberta ou não manifestada. As criaturas não reais aparecem e desaparecem pela força de *Maya*, enquanto que *Atman*, o ser eterno, permanece.

SEM NASCIMENTO, NEM VIR-A-SER,
NEM MORTE

Pode-se, por conseguinte, indagar em que medida a personalidade é realidade ou ilusão. Para o homem terrestre, a vida cotidiana, com seus sofrimentos e alegrias, é a única realidade. Ele não conhece nenhuma outra. Ele luta continuamente para salvaguardar sua felicidade fugaz, seus ideais imaginários, seu corpo que envelhece, sua saúde frágil, sua mente confusa, seu poder ameaçado, e suas posses, que crescem ou diminuem. Todavia, sem sucesso. E para terminar, o homem deve renunciar à luta e tudo perder por causa de *Maya*. Sua consciência deficiente o torna incapaz de sondar o divino e, por este motivo, ele não o

considera como a única Realidade. O homem se opõe a ela e até mesmo a ignora, pois sente, ainda que de forma obscura, que o divino combate e destrói as poucas certezas que ele, homem, acredita possuir.

OS VÉUS DE MAYA

Na tradição espiritual da Índia, a morte possui uma significação diferente daquela compartilhada pelo materialista de hoje. Como a vida na matéria nada mais é que ilusão, não se perde nada de essencial ao sobrevir a morte. A morte simplesmente retira um dos inúmeros véus de Maya. Só se pode adquirir a consciência do divino procurando e encontrando Atman no fundo do ser. Deve-se despertar Atman em si mesmo.

Freqüentemente se compara o mundo de Maya a uma miragem. Aquele que vagueia no deserto da vida crê ver um oásis ao longe. A água com seus reflexos ondulantes, a sombra atraente das palmeiras, os seres humanos, os animais, uma vila, se descortinam no horizonte. Mas, quando ele se aproxima, tudo se dissipa. A realidade que ele imaginou nada mais era que uma miragem. Eis o que é Maya! Erro dos sentidos, erro da consciência limitada. Às vezes também se compara a vida a um sonho. A consciência não faz distinção entre o sonho e o estado de vigília. Esta é a razão pela qual, segundo a antiga sabedoria hindu, o mundo daquele que está em estado de vigília não é mais real do que o mundo daquele que dorme. Quem quer que se encontre aprisionado na consciência terrestre pensa que o seu mundo é o mundo real. Mas aquele que pode ultrapassar esses limites, e no qual o centro divino do coração tem a possibilidade de despertar, aquele que é

capaz de testemunhar da realidade velada por Maya descobre que o mundo cotidiano nada tem a ver com o mundo da Realidade divina.

«PODES IR ME BUSCAR UM
POUCO D'ÁGUA?»

Os sábios da Índia, há milhares de anos, aspiravam sair do mundo dos sonhos e das mistificações para se fundir em Atman. Entre esses dois estados de consciência se interpõe o véu de Maya. Como nada existe fora de Brahman, é nele que se encontra a origem de Maya. Por isto, deve-se reconhecer a natureza da ilusão a fim de se poder encontrar o caminho que oculta Maya. A história do asceta Narada descreve como Vishnu lhe ensinou o segredo de sua Maya:

Mostra-me o poder mágico de tua Maya, lhe pede um dia Narada. E o deus lhe responde: Bem, vem comigo! Vishnu faz Narada sair da penumbra de sua habitação de eremita e o coloca em um lugar que brilha como um metal debaixo do sol ardente. Logo os dois sentem sede. Na luz intensa, eles percebem, ao longe, os tetos de palha de uma vila e Vishnu pede a Narada: *Podes ir me buscar um pouco d'água?* O Santo homem responde: *Certamente, Senhor.* E se distancia na direção das cabanas de palha, enquanto o deus se senta para o esperar, à sombra de um rochedo.

Narada chega à vila e bate à primeira porta. Uma bela jovem abre a porta e o observa com olhos sedutores. O santo homem experimenta um sentimento de felicidade, pois aqueles olhos maravilhosos parecem com os do seu senhor e amigo divino, Vishnu. Surpreso, Narada permanece ali e esquece a razão de sua vinda. A jovem lhe faz sinal para entrar e a sua doce e

sedutora voz o acaricia, tal como uma serpente dourada que se enrolasse em torno de seu pescoço. Prisioneiro de um sonho, ele entra na casa. Os moradores não parecem incomodados. Eles lhe testemunham seu respeito como a um santo homem que não lhes é estranho. Narada é para eles um venerável asceta, bem conhecido, que agora está de retorno. Narada é tocado por sua alegria e hospitalidade e se sente como em sua própria casa. Ninguém lhe pergunta a razão de sua vinda.

Depois de um certo tempo, ele pede a jovem em casamento a seu pai, e tudo se passa como se todos não esperassem outra coisa. Narada é admitido na família e compartilha o trabalho árduo e as alegrias da vida camponesa.

«COMPREENDES AGORA O SEGREDO DE MINHA MAYA?»

Passam-se doze anos e Narada é agora o pai de três crianças. Quando seu sogro morre, ele se torna o chefe da família e herda a terra de que cuida. Cria gado e cultiva o solo. Mas, durante esses doze anos, cai mais chuva que o usual, os rios transbordam e a pequena vila é inundada. As cabanas de sapé e os animais são levados pela correnteza e todos fogem. Narada anda o mais rápido possível, segurando sua mulher com uma das mãos, dois filhos com a outra, enquanto carrega o menor sobre os ombros. Ele se apressa na noite escura, encharcado pela forte chuva. Patina nas torrentes de lama que o fazem cambalear. Os turbilhões o arrastam e com muita dificuldade ele leva a sua carga. Logo perde o equilíbrio e o filho que carrega escorrega e desaparece nas trevas. Ele emite um grito de desespero e larga os outros dois filhos que segurava pela mão, para tentar segurar o

menor, porém é tarde demais. Enquanto isso, a água leva os outros dois e, antes mesmo de compreender o que se passa, sua mulher é também arrastada e levada pela violenta torrente. Finalmente Narada se detém em um rochedo e perde a consciência. Voltando a si, vê apenas uma poça de lama com um fio de água suja e se põe a chorar. *Meu filho*, diz uma voz familiar que apazigua o seu coração, *onde está a água que foste buscar para mim? Esperei mais de meia hora!* Narada se volta e, no lugar da água, vê o deserto que brilha sob o sol do meio-dia. Ao seu lado está Vishnu: *Compreendes agora o segredo de minha Maya?*

A Maya de Vishnu aparece sob diferentes formas. Elas fascinaram Narada, que com elas se identificou: ele esqueceu o pedido que Vishnu lhe havia feito; esqueceu que Vishnu o esperava, e a vida “imaginária” tor-

O dragão das trevas envolve a esfera do mundo. Jardim de Appelterne. Foto Pentagrama.





A dança de Shiva é a expressão dos ciclos cósmicos da criação e do aniquilamento, nascimento e morte. Templo de Menakshi. Madras, Índia.

nou-se para ele a realidade. Ele se perdeu por uma meia hora no mundo das ilusões, que ele experimentou como doze anos, exatamente como num sonho de alguns segundos podem se desenrolar acontecimentos com duração de horas ou até mesmo de vários anos. O tempo, o espaço e as formas dependem da consciência. Para Vish-

nu, Narada tinha ido somente desentorpecer as pernas.

A IGNORÂNCIA E OS DESEJOS

Narada desejava aprender o segredo de Maya. Ele a encontrou sob a forma de uma bela jovem. Maya é a força que incita Narada a se entregar ao mundo

da ilusão. Ele abandonou o Paraíso e suas portas se fecharam atrás dele. Aí começou a sua história – ou sua queda, como se diz. Ele participou do árduo trabalho e das alegrias dos camponeses. Trabalhou a terra e entrou no círculo vicioso dos nascimentos e das mortes. Foi feliz e infeliz, e descobriu que não podia conservar o que é mortal. Assim, perdeu seus bens, sua mulher, seus filhos, a si mesmo e o mundo de Maya.

Narada é a imagem do homem que se deixa guiar pela ignorância e pelos desejos. Por isso, tudo aquilo que ele adquire lhe é subtraído. Sua ignorância dos processos vitais o retém prisioneiro, encarnação após encarnação, no interior das dimensões do espaço-tempo. Ele mergulhou na matéria e tornou-se um fenômeno terrestre, inteiramente submisso às forças da natureza.

A consciência dos intelectuais cultivados e materialistas não parece, após muitos séculos, capaz de afastar os véus de Maya. Mas, em nossa época, uma nova direção lhes é mostrada, um novo caminho que principia pelo átomo divino que sobrevive no coração e que recebe as indicações para evitar, ou se desembaraçar, dos obstáculos que na Índia antiga ainda não existiam ou apenas começavam. O que é divino no coração e provém da origem espera sua libertação. E sobre esse caminho, o homem moderno recebe toda a ajuda necessária para romper o seu estado de cristalização, libertar o princípio divino e se abrir a uma nova vida. Como o eterno está “morto” no corruptível, o corruptível deve agora morrer no eterno. Aquele que deseja perder o seu eu encontrará o seu “Ser divino”. Neste processo de morte e de renascimento, o ser fundamental do homem imortal se liberta

Mas, já que a sabedoria da Índia antiga é tão próxima do gnosticismo moderno, qual é, de fato, a diferença?

E por que a maioria dos habitantes da terra não adere a essa antiga doutrina? Por que deve haver algo de novo? Tudo já é tão difícil!

O sétimo grande impulso da intervenção divina, cujo princípio remonta a um passado longínquo, indica a cada um o caminho da libertação. Mas o tempo passa, as condições de vida se modificam, as diversas esferas onde vivem os seres humanos mudam de estrutura e oportunidades se apresentam enquanto se fecham os antigos caminhos.

Conseqüentemente, novos impulsos são sempre necessários para abrir novos caminhos. Por exemplo, o ar, hoje, é muito diferente daquele de há milhares de anos. As condições etéricas e astrais são particulares para cada país: em certas regiões, após séculos de incompreensão, de falta de amor e de lutas pelo poder, a poluição é maior que em outras e o crescimento espiritual segue linhas diferentes.

Há progresso ou retrocesso: a estagnação não existe na vida dialética. Existe progresso quando surgem novas chances de realização. Há retrocesso quando, após um certo ponto de desenvolvimento, se recua porque o passo seguinte parece demasiado difícil. A escolha é de cada um.

dos fenômenos, das idéias pré-concebidas e do medo que o retém prisioneiro como Narada.

É assim, então, que a finalidade de toda vida humana é a mesma ontem, hoje e amanhã: o acesso ao campo de vida divino, o retorno à casa do Pai. Mas o ensinamento e o caminho devem sempre adaptar-se às mudanças da consciência, para que reste sempre a capacidade de compreender esse ensinamento e de seguir o caminho.

Fontes:

Bhagavadgita, Upanishads, ensinamentos de Buda e de Shankara.

A SENDA ÓCTUPLA DO CRISTIANISMO*

Na Epístola aos Efésios 6, versículos 13 a 18 Paulo diz: Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes:

1. TENDO CINGIDOS VOSSOS RINS COM A VERDADE;
2. VESTIDA A COURAÇA DA JUSTIÇA;
3. CALÇADOS OS PÉS NA PREPARAÇÃO DO EVANGELHO DA PAZ;
4. TOMADO SOBRETUDO O ESCUDO DA FÉ, COM O QUAL PODEREIS APAGAR TODOS OS DARDOS INFLAMADOS DO MALIGNO;
5. TOMANDO TAMBÉM O CAPACETE DA SALVAÇÃO
6. E A ESPADA DO ESPÍRITO, QUE É A PALAVRA DE DEUS,
7. ORANDO EM TODO TEMPO, COM TODA ORAÇÃO E SÚPLICA NO ESPÍRITO E
8. VIGIANDO NISSO COM TODA PERSEVERANÇA E SÚPLICA POR TODOS OS SANTOS.

Essa é uma armadura óctupla, um caminho óctuplo. Ele nos faz pensar no caminho óctuplo do budismo. No catecismo budista bem conhecido, lemos nas perguntas e respostas 125 e 126:

Como podemos ganhar a vitória sobre nós mesmos? Percorrendo a nobre senda óctupla. O que entendes por essas palavras? As oito partes deste caminho são: compreensão justa –

pensamento justo – palavra justa – ação justa – comportamento justo – esforço justo – autodomínio justo – meditação justa.

A seqüência escolhida por Paulo é ligeiramente diferente da de Buda, mas absolutamente idêntica em sua essência. A seqüência varia com os tempos, porque o corpo racial e a natureza psíquica das almas mortais são continuamente submetidos a modificações e cristalização, devido à corrupção engendrada pelo mal. A senda óctupla deve, portanto, ser continuamente modificada, a fim de se adaptar a cada época.

Paulo e Buda começam igualmente pela compreensão. Imediatamente, Paulo pede a justiça, e Buda, o pensamento justo. Isso é compreensível. De fato, se nós, ocidentais, uma vez tendo alcançado uma determinada compreensão, devêssemos pensar com os poderes de nosso pensamento cristalizado, obteríamos uma confusão de pensamentos contraditórios, inextricáveis. Eis porque Paulo nos coloca imediatamente diante da ação gerada pela compreensão, pois é graças a ela que atingiremos a purificação do sangue. O sangue denso, pesado, espesso, tendendo sempre mais para a matéria, é modificado por ações desse gênero, e somente mais tarde o novo poder de pensamento, qual capacete da salvação, se torna realidade.

* Extraído de: *O mistério da vida e da morte*, de J. van Rijckenborgh, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1980, cap. 3.

A roda de 3m de altura do carro solar de Surya representa o ciclo das reencarnações e da senda óctupla do Buda. Konarak, séc.XIII.



BUDA E O CAMINHO DO NIRVANA

O ensinamento e a atividade de Buda introduziram uma profunda mudança na relação entre Deus e o homem. Na Índia, no primeiro século a. C., essa mudança se operou progressivamente.

A época em que os brâmanes (sacerdotes) eram considerados como legítimos representantes dos deuses estava chegando ao fim. A casta dos brâmanes já não era considerada uma autoridade sagrada inquestionável e a casta dos reis e guerreiros (*kshatrias*) teve acesso aos livros santos. As fórmulas mágicas e os rituais de oferendas dos brâmanes que remontavam a um passado muito longínquo e eram transmitidos oralmente foram registrados nos Vedas, os livros hindus de sabedoria. Os textos dos Upanishads já mostram que uma mudança estava em curso, pois, neles, cada um é chamado a se libertar da roda do nascimento e da morte. O homem devia encontrar Deus em seu próprio interior, através de uma mudança profunda. Esta mensagem é a base da obra de Buda.

O hinduísmo, em sua forma atual, deriva do bramanismo primitivo. O budismo provém diretamente dos ensinamentos de Buda, do mesmo modo que o cristianismo provém dos ensinamentos de Cristo. Buda é o Desperto, aquele que, após quarenta e nove dias, atingiu a iluminação e entrou no Nirvana. Antes disso, ele precisou renunciar às formas extremas de ascetismo e resistir às tentações de Mara, as forças deste mundo. Ele ensinou a

seus discípulos o caminho óctuplo da libertação que conduz ao Nirvana. A mensagem de Buda é diametralmente oposta à ortodoxia hinduísta: os mundos divinos e a esfera celeste não desempenham qualquer papel no caminho por ele indicado. Ele mostra aos homens como se libertar dos deuses exteriores e como procurar em si mesmo o caminho da libertação. Há muitos pontos em comum com os Upanishads. Um estudo comparado destaca a forma como se desenvolveu, a partir de uma antiga corrente de sabedoria, um novo impulso.

Os Upanishads foram compostos, com toda a probabilidade, em torno de 800 a.C. Eles tratam da via que conduz o pesquisador em direção ao seu ser divino interior. A análise superficial das coisas não conduz à compreensão do verdadeiro ser pois nenhuma real compreensão se origina dos sentidos ou do intelecto. O que precisa ser reconhecido não se encontra no mundo aparente tangível, e é, ao mesmo tempo, muito pequeno e infinitamente grande. Para o homem terrestre pode-se fazer a seguinte descrição: *Na morada de Brahma (o corpo) se encontra uma pequena flor de lótus. Nela se encontra um pequeno espaço. O que se encontra ali deve ser descoberto e reconhecido. Se disserdes: na morada de Brahma existe uma pequena flor de lótus e nesta há um pequeno espaço, o que lá se encontra que deve ser descoberto e reconhecido? Então ele responderá: Vasto é o espaço, tão vasto quanto o espaço no interior do coração. Ele contém o céu e*



a terra, Agni e Vayu, sol e lua, o relâmpago e as estrelas; o que está aqui (dos homens) e o que não está; isso tudo está contido ali... Esse é o verdadeiro estado de Brahma. Nele estão contidos todos os desejos. Esse é o Ser. Ele rejeitou todo o mal; está livre da velhice, da morte, da aflição, da fome e da sede; ele deixou atrás de si seus desejos e suas exigências.¹

Mas onde está a ponte que leva à cidade de Brahma? O ser é a ponte que separa os mundos para que eles não desmoronem. Noite e dia, velhice, morte, desgosto, boas e más ações não atravessam a ponte.²

Os Upanishads descrevem como o homem é prisioneiro de seu estado

não divino e mortal, e como ele pode se libertar. A vida de Buda testemunha a possibilidade de percorrer o caminho da libertação. Ele abriu este caminho a todos os pesquisadores sérios que desejarem segui-lo.

VITÓRIA SOBRE A MENTE

Meu amigo, quando não nascemos, não envelhecemos, nem morremos, não abandonamos uma existência anterior e não nos preparamos para uma nova existência, podemos, quando paramos de vaguear, reconhecer, perceber e alcançar a cessação do mundo onde isso tudo vigora. Assim eu falei. Digo-te também, amigo, que não se pode

Ressurreição do Buda, personificação da sabedoria. Entalhe em madeira. China, em Twelve World Teachers, Manly P. Hall.



*conseguir a extinção do sofrimento sem atingir a cessação do mundo.*³

Estas palavras de Buda encontram-se mais ou menos sob a mesma forma, nos Upanishads. Para alcançar a cessação do mundo, o pesquisador deve chegar aos limites de seu pensamento, o que o leva, em um primeiro momento, a uma salutar desordem, e quando ele já não se agarrar mais à rigidez dos conceitos, poderá então chegar à realização interior.

Um dia, Buda encontrou o asceta errante Vaccha e eles tiveram o seguinte diálogo:

– Um monge que liberta sua alma renasce, venerável Gautama?

– Neste caso, não tem cabimento em se falar de “renascer”, Vaccha.

– Então, ele não renasce, Mestre Gautama?

– Nem tem cabimento em se falar de “não renascer”, Vaccha.

– Ele, então, renasce e ao mesmo tempo não renasce, mestre?

– Não tem cabimento também em se falar de “renascer e, ao mesmo tempo, não renascer”, Vaccha.

– Então, ele nem renasce nem não renasce, Mestre Gautama?

– Não tem cabimento em se falar de “nem renascer nem não renascer”, Vaccha.

– Eis que atingi os limites de minha compreensão, venerável Gautama; a partir daí tudo se torna confuso.

– Chegaste agora às fronteiras de tua compreensão, Vaccha e estás confuso. Profundo, Vaccha, é este ensinamento, difícil de perscrutar, difícil de entender, pleno de quietude, magnífico, inabarcável pela simples reflexão, digno, perceptível apenas pelos sábios...⁴

Buda chamou a atenção dos pesquisadores de sua época para a neces-

sidade de se concentrarem inteiramente sobre o caminho óctuplo que leva ao Nirvana.

O NIRVANA COMEÇA ONDE FINDA O MUNDO

Nirvana é um conceito estritamente búdico e significa expirar, exalar, extinguir. Ele começa quando o mundo termina. Pode-se entendê-lo como um «novo mundo», um outro estado, o Ser do outro lado da ponte. Nirvana é o estado no qual o perecível, o terrestre, é totalmente reduzido ao silêncio e o Ser eterno se manifesta a uma consciência renovada. Esse estado é atingido através de uma concentração ininterrupta na flor de lótus do coração. Renunciando ao mundo, a verdade se revela.

O caminho de Buda não é um caminho de ascese, nem uma vida de luxo e de facilidades:

A Perfeição abre o caminho que passa pelo Meio, que refina a percepção e dá a compreensão, que conduz à liberdade, ao conhecimento, à iluminação, ao Nirvana. Tal é a nobre óctupla senda que se intitula: reta compreensão, reto propósito, reta palavra, reta conduta, reta alimentação, reto esforço, reto autodomínio, e reta contemplação.

O caminho de Buda, que leva ao Nirvana, não é uma nova descoberta, mas uma orientação concreta para o homem daquele tempo. O caminho jamais se altera, mas as condições são adaptadas a cada época para permitir aos homens dos tempos vindouros, que chegam a uma nova fase, atingir a meta fixada. Nos Upanishads é dito: *Esta é uma senda antiga, reta e segura ...*⁶ Este caminho é indicado e demarcado ininterruptamente, para que os homens o reconheçam e percorram.

Buda, ele mesmo, atingiu a iluminação após um período de quatro introversões. Mas ele não deixou o mundo e não entrou no Nirvana. Para servir à humanidade pelo restante de seus dias, erigiu um edifício tríplice:

- O Buda, que é o caminho concreto;
- A corrente de força, que é o ensinamento;
- A indicação do caminho para os seus discípulos.

Quando o número de seus discípulos chegou a quinhentos, Buda disse: *Agora, monges, podeis compreender corretamente tudo o que eu reconheci e vos ensinei, agir de acordo e espalhar essa realização de modo que a santa conduta se prolongue por muito tempo: para o bem-estar de muitos, a felicidade de muitos, a compaixão do mundo, até à excelência, a serenidade, a felicidade dos deuses e dos homens...*

*Bem, discípulos, eu vos digo: todas as formas são submetidas à impermanência. Não abrandeis vossos esforços. Em pouco tempo será atingido o Sublime Nirvana. Em três meses, será a entrada no Sublime Nirvana.*⁷

E quando chegou o momento, Buda absorveu-se na meditação. Depois, elevou-se e entrou no Nirvana.

Buda do período Grupta, a Idade de Ouro da Índia. Escultura em arenito, Indian Museum. Calcutá, Índia.

Fontes:

1 HILDEBRAND, A., *Upanishaden*, Munique: Hugendubel (Diederichs), 2001, p.122.

2 Idem., p.125.

3 OLDENBERG, H., *Die Reden des Buddha*, Freiburg: Herder Verlag, 2002, p.171.

4 Idem, p.296.

5 Idem, p.95.

6 HILDEBRAND, A., *Upanishaden*, Munique: Hugendubel (Diederichs), 2001, p.85

7 OLDENBERG, H., *Die Reden des Buddha*, Freiburg: Herder Verlag, 2002, p.147.

AS QUATRO NOBRES VERDADES

Buda viveu na época em que, na Índia, em torno de 500 a.C., começava a declinar a fé nos Vedas e nos Upanishads. Nessa «selva de sistemas mitológicos»¹ ele trouxe o ensinamento das quatro nobres verdades, cujo ponto supremo é a doutrina do caminho óctuplo.

Trata-se de uma análise lúcida da condição humana e da possibilidade de triunfar sobre ela, análise isenta de considerações sobre o além e de especulações sobre uma entidade divina qualquer. Esse ensinamento não está ligado ao tempo e essa é a razão pela qual, do outro lado das fronteiras da Índia, ele é sempre de grande importância para numerosos pesquisadores.

Buda só transmitiu seus conhecimentos oralmente, jamais escreveu. À semelhança de muitos instrutores da humanidade, ele depositava uma total confiança na correta utilização da palavra. Assim, suas palavras exerciam uma influência duradoura sobre aqueles que vinham escutá-lo e traçavam um fio condutor no coração. Mais tarde, seus discípulos colocaram seus ensinamentos por escrito, a fim de preservá-los do esquecimento.

AS QUATRO NOBRES VERDADES

O essencial do ensinamento de Buda está contido em um pequeno fragmento intitulado: «A pegada do elefante». Sariputta, «o melhor dos seus discípulos», é o seu depositário²:

Sariputta se pôs a falar: *Amigos, da*

mesma forma como a pegada de qualquer ser vivo que caminha pode ser colocada dentro da pegada de um elefante e, assim, a pegada do elefante é declarada como a líder delas devido ao seu grande tamanho, assim também todos os estados benéficos podem ser incluídos nas Quatro Nobres Verdades. Quais quatro? A nobre verdade do sofrimento, a nobre verdade da origem do sofrimento, a nobre verdade da cessação do sofrimento e a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento. Estas quatro verdades exprimem, de modo conciso, as grandes possibilidades que são oferecidas à humanidade. Elas contêm o essencial do caminho de libertação, tal como o ensinou Buda.

A NOBRE VERDADE DO SOFRIMENTO

É, em primeiro lugar, o sofrimento que faz com que nos questionemos sobre a nossa existência. O sofrimento nos arranca de nossa vaidade, nos sacode, e desperta, ao mesmo tempo, a compaixão para com o sofrimento dos outros.

Após haver atingido o estado de Buda – o despertar espiritual sob a árvore Bodhi – Gautama, em uma noite na qual velava, anunciou a seus discípulos o ensinamento das quatro nobres verdades:

Esta, ó monges, é a nobre verdade do sofrimento. O nascimento é sofrimento, a velhice é sofrimento, a doença é sofrimento, a morte é sofrimento, a tristeza, a miséria, a fadiga, o desgosto e o desespero são sofrimento. Estar



ligado a algo ou a alguém, sem o desejar, é sofrimento, estar separado de algo ou alguém, sem o desejar, é sofrimento; desejar algo que não se pode ter é sofrimento. Enfim, as cinco categorias de coisas de que se deseja apropriar são sofrimento.^{3,4}

Prisioneiro do mundo dos sentidos, o homem agarra-se a tudo que gera o sofrimento e pode-se dizer: ele mesmo é a causa.

A NOBRE VERDADE DA ORIGEM DO SOFRIMENTO

Buda não colocou a questão da culpa. Para ele, o sofrimento decorre das leis deste mundo de aparências. Um texto intitulado *O primeiro acontecimento após ter atingido o estado de Buda explica*^{5,6}:

Durante a primeira vigília noturna,

o Sublime explicou a origem (dos seres do mundo) mediante a causa que precede e segue essa criação: da ignorância nasceram as formas, das formas nasceu a consciência, da consciência nasceram mentalidade e materialidade, e delas nasceram os cinco sentidos: visão, paladar, audição, olfato, tato e o sentir com a consciência, que é o sexto sentido. Sobre a base dos seis sentidos, o contato torna-se possível; e através do contato, o sentimento; o sentimento cria os desejos; os desejos engendram o apego; do apego surge a geração; a geração engendra o nascimento, a velhice e a morte, a dor, as lamentações, a tristeza, o desgosto, o desespero. Este é o estado do mundo do sofrimento.

Pode-se escapar à fatalidade do sofrimento? Buda seguiu, ele mesmo, o processo de libertação do sofrimento, libertando-se da roda dos nascimentos

Pedras gravadas.
Palácio de Konarak.
Foto Pentagrama.



Palácio de verão
de Konarak.
Foto Pentagrama.

e das mortes. Para ele, isto é uma questão de discernimento.

A NOBRE VERDADE DO DESAPARECIMENTO DO SOFRIMENTO

Prossigamos com o texto acima:

Se a ignorância desaparece graças à erradicação dos desejos, se a forma cessa de existir e, graças ao desaparecimento da forma, a consciência não mais existe, o sutil e o grosseiro também cessarão de existir graças ao desaparecimento da consciência e, na ordem de sucessão terrestre, haverá o desaparecimento dos nascimentos, da velhice e da morte, da tristeza e das lamentações, do sofrimento, do desgosto e do desespero. Eis como se pode colocar um fim ao mundo do sofrimento.

Graças ao desaparecimento da ignorância, a forma resultante da vontade cessa; pelo desaparecimento da forma resultante da vontade, a consciência cessa, e assim por diante. Logo, toda a cadeia do sofrimento é interrompida. Esta é a nobre verdade do desaparecimento do sofrimento.

É possível, portanto, fazer cessar o sofrimento. Buda utiliza como ponto de partida a ignorância. Seus conselhos dirigem-se ao homem que se sente dividido, ao homem que realizou a experiência da dualidade. O texto diz mais adiante:

No momento em que se tornou consciente, o Sublime exclamou: «Quando o plano divino for revelado ao brâmane, àquele que luta com todas as suas forças para sair do estado de queda, então toda a dúvida será afastada, e ele compreenderá a condicionalidade de todas as coisas».

Foi desse modo que Buda provou a necessidade de mostrar um caminho prático ao pesquisador que atingiu os limites das possibilidades terrestres, para que ele possa ultrapassar esses limites e se libertar dos laços deste mundo.

A NOBRE VERDADE DO CAMINHO QUE CONDUZ AO DESAPARECIMENTO DO SOFRIMENTO

O caminho apontado por um homem liberto a um outro que procura se libertar sempre remete às possibilidades que ele possui, enquanto entidade ligada ao tempo. Essas possibilidades com certeza estão presentes nele, mas dependem de suas hesitações e de sua aspiração. E também das interferências da personalidade com o seu condicionamento cultural nos limites do espaço e do tempo.

Buda apresentou a seus contemporâneos um caminho óctuplo, que ocupa um lugar central entre o prazer sensorial, de um lado, e a ascese, de outro, o qual era, naquela época, o único caminho de libertação conhecido na Índia.

Existem, caros discípulos, dois caminhos que o buscador do Espírito evita-

rá: o caminho da satisfação dos sentidos e do prazer, que é um caminho inferior, repugnante, falso comparado ao que é nobre, e inútil, pois ele não conduz à vida santa, ao devotamento, ao discernimento, ao despertar, ao Nirvana; e o caminho da mortificação, que é doloroso, inútil, e só traz sofrimento nesta vida, assim como no além. O Tathâgata fala do Caminho do Meio para evitar esses dois caminhos. O Caminho do Meio é a reta compreensão, o reto propósito, a reta palavra, a reta conduta, a reta alimentação, o reto esforço, a reta atenção e a reta contemplação. ⁷

Ó Monges, esses dois caminhos inferiores não devem ser trilhados por um eremita, por alguém que renunciou à vida em família. Quais são eles? O prazer dos sentidos e a mortificação, ambos inúteis. O Caminho do Meio, que nos mostra o Tathâgata, o Perfeito, porque ele evitou os dois caminhos inferiores, abre os olhos, traz o conhecimento e conduz à calma, à realização, à iluminação, ao Nirvana. Este é o nobre Caminho do Meio. ⁶

As quatro verdades são alicerçadas pela experiência do sofrimento causado pelo egoísmo e pelo egocentrismo, pelo nascimento natural e seus laços cárnicos. Esses quatro alicerces são universais e foram comprovados por todos os grandes instrutores da humanidade.

O NIRVANA É A META DO CAMINHO

O caminho da vitória tem, em toda parte, a mesma meta. Para o Buda, a entrada no Nirvana é a meta. Em geral, compreende-se por Nirvana o “nada”, o que fez alguns considerarem Buda, erroneamente, como um ateu.⁸ Mas também no cristianismo se

diz que aquilo que há de mais elevado, Deus, está além da nossa imaginação, que Ele é incognoscível e que Dele não podemos fazer uma imagem. Buda não fala Dele justamente para evitar toda especulação entre seus alunos. Para o homem que não despertou (não iluminado), o Nirvana é o «nada», quando é, na realidade, o caminho que liberta do sofrimento, do carma ligado ao nascimento e à morte, e que representa «tudo» para o homem desperto. Da mesma forma Cristo colocou diante de seus discípulos a visão do reino dos céus, do lar de seu Pai, onde ele lhes prepara um lugar. Isto deu lugar a inúmeras especulações localizadas no além e suas alegrias terrenas.

A meta última é não mais dar importância ao mundo dos sentidos, após uma vida rica em experiências. É ser liberto do ciclo de nascimentos no mundo dos opostos, do vai e vem constante entre o sofrimento e a alegria. Então já não se poderá formar imagens sobre aquilo que ultrapassa o entendimento da personalidade humana.

Fontes:

1 ZIMMER, H., *Philosophie und Religion Indiens*, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, TB Wissenschaft 26, 1973.

2 OLDENBERG, H., *Die Reden des Buddha*, Freiburg i.B.: Herder Verlag, 2000.

3 Idem.

4 SCHUMANN, H.W., *Boeddhisme, stichter, scholen en systemen*, Nieuwerkerk a/d IJssel: Asoka, 1997.

5 OLDENBERG, H., *Die Reden des Buddha*, Freiburg i.B.: Herder Verlag, 2000.

6 PIYADASSI, T., *Het aloude pad van de Boeddha*, Boeddhayana Uitgeverij, 's-Gravenhage, 1989.

7 HERMANN, B., *Buddha und seine Lehre*, Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1980.

8 Idem.

A JÓIA DO DISCERNIMENTO

Shankara foi um dos mais eminentes instrutores religiosos do subcontinente indiano. Seus ensinamentos em muito contribuíram para o pensamento da humanidade. Segundo certas fontes, ele teria nascido em torno de 686 d.C., no sul da Índia. Ele ensinava, entre outras coisas, o Vedanta, a última parte das seis doutrinas da sabedoria hindu. Sua obra mais conhecida é “A Jóia do Discernimento”

O nome Shankara, ou mais exatamente Adi Shankaracharya, significa: aquele que traz a bênção. Shankara testemunha, em toda a sua obra, um espírito universalista, claro e livre, para ensinar aos seus irmãos, os seres humanos, a distinguir entre o sagrado e o ímpio. De seu ensinamento extraímos sete sentenças e as comparamos com as propostas de J. van Rijckenborgh. Assim é que, relativamente às formas exteriores de culto, a filosofia hindu diz: *Pode-se recitar orações e fazer oferendas aos Espíritos, pode-se executar os rituais e venerar as divindades, todavia, se não se tomou consciência do Atman, nenhu-*

○ Bodhisatva Temiya, o príncipe pacífico, prova suas forças levantando seu carro de guerra. Mural do Templo de Wat Yai Intharam. Chonburi, Tailândia.

Relativamente à sua data de nascimento, os dados disponíveis são contraditórios. O governo da Índia, que adotou o ano de 788, celebrou oficialmente, em 1988, o aniversário dos mil e duzentos anos do filósofo. Outros preferem recuar ao reinado do rei Thanesar (606-647), outros ainda, consideram o ano 700. Essas divergências devem-se não somente às flutuações inerentes à tradição oral como também ao mistério que envolveu a aparição e o desaparecimento do grande mestre.

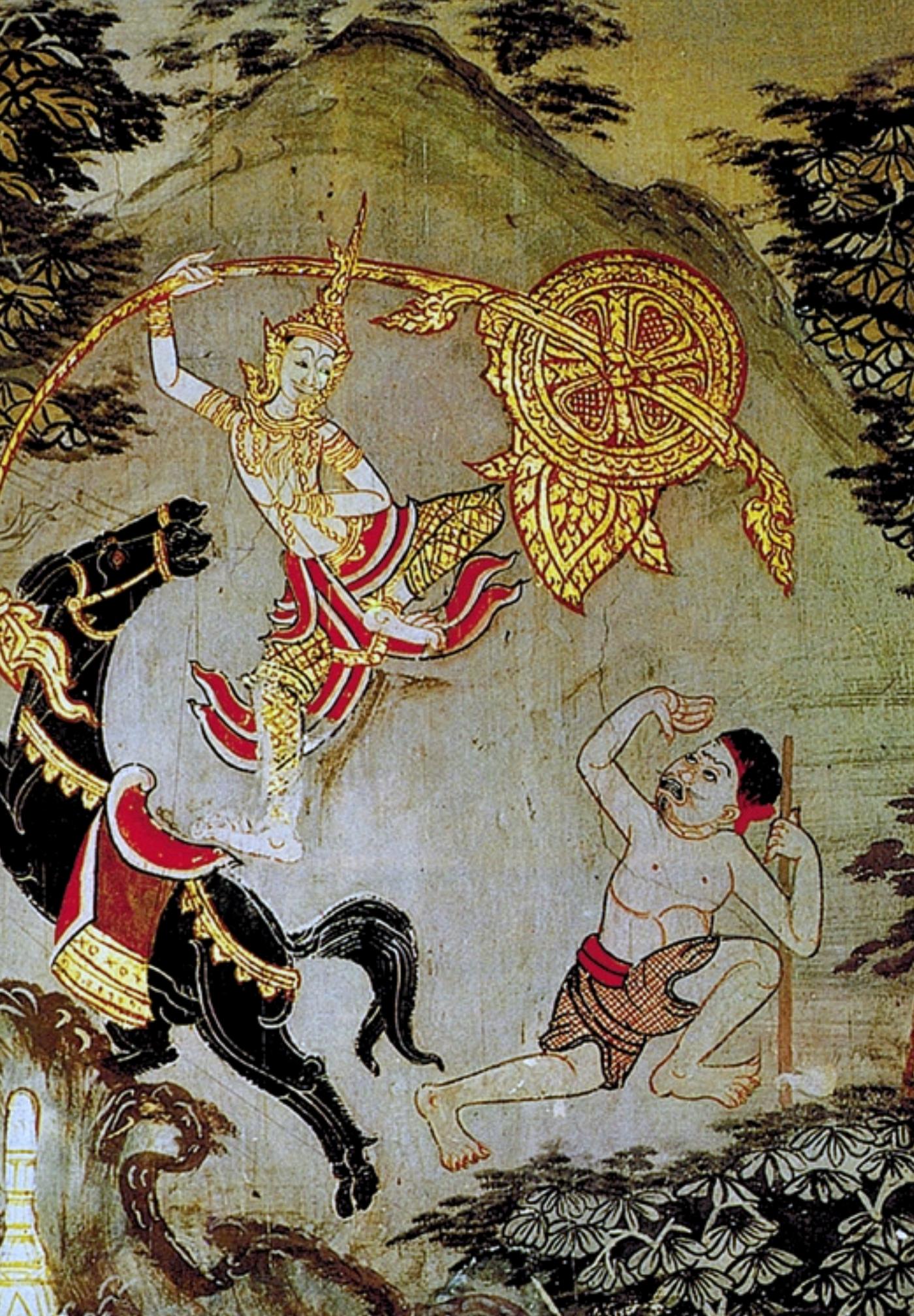
FORMAS DE CULTO

Aquele que compreende tudo isto e o vivência, aquele que possui interiormente o conhecimento natural do estado humano, esse possui o conhecimento de si mesmo. Ele fecha os seus livros e cessa os seus esforços obstinados para manter a cabeça fora da água do mar acadêmico. Não há mais nele que uma só aspiração, que um só desejo ardente: tomar a decisão de pôr fim a seu estado impuro, até no nível dos átomos que o constituem, para ser salvo pelo sopro da vida.

(O advento do novo homem²)

ma libertação é possível; mesmo após centenas de eras.

Shankara rejeita toda forma de culto, porque nenhuma delas liberta do mundo dos sentidos. Aquele que, restringindo-se à forma, espera ganhar a eternidade, não faz nada mais que venerar suas próprias certezas, os aspectos do seu eu. Ele prefere que se cumpra a sua própria vontade, ao invés da vontade de Deus. Os cultos formais de várias religiões não são mais que formulações vulgares de antigas verdades, hoje petrificadas. Essas solenidades são desprovidas de qualquer eficácia quanto ao processo de renovação interior. Por isso, aquele que deseja alcançar o Supremo, o Atman, deve penetrar até a essência da natureza divina, abjurando, assim, toda forma de egocentrismo e de cul-



A AÇÃO LIBERTADORA

Quando o coração permanece em seu estado comum de natural impureza – e isso ocorre quando estamos sintonizados com todo o nosso ser em relação à natureza da morte – não podemos escutar e compreender bem. Pois o ser da natureza da morte é sempre caótico! Assim, sempre irrompem, no sistema cabeça-coração do homem natural, tensões crescentes, as quais o conduzem a ações incorretas.[...] Quando tornardes puro e silencioso o vosso coração, também tornareis a cabeça livre para as funções para as quais ela está destinada. Então os órgãos sensoriais funcionarão de modo totalmente diferente. E só então podereis escutar!

(A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA ³, vol. I)

tura do eu, qualquer que seja o seu refinamento.

Shankara, ao falar da ação libertadora diz: *A ação justa auxilia a purificação do coração, porém não leva ao conhecimento direto da realidade. Este se adquire apenas pelo discernimento e não pelos atos, mesmo que em número de milhões.* ¹

Sem compreensão, todos os esforços de libertação permanecem apenas uma camisa-de-força, sendo impossível atingir a indispensável mudança fundamental. Portanto, a ação justa também não é uma ação refinada, mas

O CESSAR DA IGNORÂNCIA

Mas enquanto seguís o caminho, a senda transfigurística da auto-rendição, é preciso tornar-vos ignorante do conhecimento (da antiga natureza) e desenvolver a nova consciência, a consciência da sabedoria. Então os sete candelabros se acendem e caminhareis entre os sete candelabros de ouro e segurareis em vossa mão direita as sete estrelas dos novos órgãos da inteligência.

(A Gnosis chinesa ⁵)

a consequência de um estado de vida interior. Quem atinge esse estado só pode agir com justiça. Para se conseguir isso, deve-se tomar consciência, inúmeras vezes, de seus próprios limites. Deve-se passar por várias experiências, ter percorrido toda a gama de prazeres e de sofrimentos, antes que o eu esteja pronto a se sacrificar por uma realização que ele mesmo não pode efetuar: o momento em que a vontade divina pode se realizar, sem que o eu, em seu medo existencial, se constitua um obstáculo; o momento em que a Criação é revelada àquele que aspira ardentemente à luz libertadora. *O discernimento justo nos permite perceber a natureza verdadeira da extremidade de uma corda, e nos libertar da angústia torturante que nos aprisionava quando acreditávamos, erroneamente, que se tratava de uma serpente.*

APARÊNCIA E REALIDADE

Parai e tornai-vos sóbrios! Vede de novo pelos olhos do coração! E se todos vós não podeis fazê-lo, pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam, pois o mal da ignorância submerge toda a Terra, leva a alma que está aprisionada no corpo à ruína e a impede de entrar no porto da salvação.

(A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA ⁴, vol. II)

Nossa própria realidade é constituída de impressões que nossos órgãos sensoriais elaboram e transmitem à consciência. Toda consciência faz do mundo uma imagem que lhe é particular. Desde a mais remota antigüidade, os mestres da sabedoria ensinaram que este mundo nada mais é que uma ilusão. Trata-se de Maya: um sonho vivo, no qual o homem cria as suas

EXPERIÊNCIA VIVENTE NO LUGAR DO SABER LIVRESCO

A base para a virtude está presente em vós. Porém existe algo mais. Existe em vós, a vossa disposição, um conhecimento. Compreendei-o bem! Não estamos falando de conhecimentos adquiridos na escola, dos quais necessitais para navegar nas correntes das forças contrárias. Temos em vista o único e verdadeiro conhecimento vital, o Ensino da Vida, o Ensino Universal, oculto no átomo original e revelado pela Gnosis, como estímulo para vos abrir o caminho do verdadeiro conhecimento. Ora, a propensão para a virtude, a virtude que consiste em ser bom, em fazer o bem, associada a esse conhecimento pode vos libertar e vos libertará.

(A GNOSIS CHINESA ⁵)

próprias angústias, contrariedades e carências. Essa apreensão subjetiva da realidade conforta o eu em sua própria glorificação, no mundo de Maya. O eu criou para si um pequeno mundo confortável de objetivos e desejos, aliás, continuamente ameaçado. Shankara explica que se trata exclusivamente de trazer à luz do dia o jogo da vontade e das representações, a fim de reencontrar a unidade e a realidade divinas.

A propósito da ignorância, Shankara diz: *O homem, mordido pela serpente da ignorância não pode ser curado enquanto não tiver experimentado Brahman. Os Vedas e outras literaturas são, nestas circunstâncias, completamente inúteis, bem como o emprego de magia e ervas.*

Não se trata, para Shankara, da aquisição de um saber livresco, mas de um conhecimento interior cujas fontes são a fé e a experiência. A mesma imagem está presente nos gnósticos: voltar-se para a força divina, que não

se destina a nutrir o eu, mas a liberar Atman, o filho de Deus. A posse da jóia que é Atman conduz a Brahman, ao insight divino.

O estudo das escrituras é estéril enquanto Brahman não tiver sido experimentado. A experiência de Brahman torna supérflua a leitura dos textos sagrados.

A leitura das escrituras sagradas tais como os Vedas ou a Bíblia, não traz qualquer espécie de libertação. Porque enquanto a força divina não se torna ativa no homem, pois o eu se opõe a isso, é impossível sondar a profunda sabedoria dos livros santos. Aquele que pode, enfim, compreender, por pouco que seja, já se encontra religado à força libertadora e está em curso de mutação sobre a via que leva à descoberta do Supremo. Falando do guia interior, Shankara diz: *O desejo de libertação é a vontade de se desvencilhar das cadeias forjadas pela ignorância, graças a uma compreensão interior radical* ¹.



A concha de Vishnu simboliza o primeiro som da criação. Séc.XVI.

○ GUIA INTERIOR

Os antigos sábios diziam que orar e jejuar significava orientar toda a vida para o Outro Reino, para a verdadeira Pátria, libertar o Reino em si e, assim harmonizando, estabelecer a unidade com as manifestações da vontade. Nesse estado de ser, não ouvireis mais com os ouvidos o tumulto das forças contrárias, mas abrireis totalmente vossa compreensão, vossa razão, todo o santuário da cabeça, à efusão do Espírito sétuplo.

(A GNOSIS CHINESA ⁵)

SOLTAR AS AMARRAS

Sabeis que cada homem nascido da natureza deixa vestígios no eu aural, como resultado de seu ímpio curso de vida. Esses vestígios, esse carma, se acumulam. Cada nascido da natureza que trilha a grandiosa senda de libertação coloca-se, também, infelizmente, diante de uma dupla tarefa, pois, antes que ele possa trilhar a senda da transfiguração, deve primeiro dissolver esse carma, esse eu cármico.

(A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA ⁶, vol III)

O desejo de salvação conduz o pesquisador, através de uma série de experiências inteiramente novas, aos limites de sua existência terrestre, até que ele alcance a compreensão. Há, no entanto, uma condição: aceitar essas experiências e essa compreensão, pois o eu é de tal forma conservador, que ele não cessa de obstruir o caminho da renovação. Angústia e inquietude o impedem de levantar as âncoras que o prendem ao mundo das aparências e de se confiar a Atman, o guia interior.

Shankara mostra que os candidatos de bom grado se confiam, para o seu progresso, aos conselhos e opiniões de pessoas que constituem autoridades em vez de depositar sua confiança na força neles oculta, que espera para ser libertada. Assim, preferem continuar sempre iguais a eles mesmos e sobretudo nada mudar que corresse o risco de incomodar sua vida confortável. E, no entanto, uma mudança radical se impõe, por menor que seja: o desejo de obedecer ao guia interior. As pessoas, em sua maioria, veneram passivamente a imagem que fazem de um mestre ou de um personagem histórico sobre o qual projetam o seu sofrimento.

Freqüentemente desejamos tirar vantagem das duas possibilidades:

encontrar a salvação, sem todavia, abandonar os pequenos hábitos. Eis o que diz Shankara: *Todos aqueles que desejam chegar a Atman, satisfazendo a avidez do corpo, são como aqueles que tentam atravessar um rio sobre o dorso de um crocodilo, acreditando tratar-se do ramo de uma árvore.* ¹

Shankara compara o aspecto corporal a um crocodilo. O corpo é um fruto do tempo e aprisiona o homem a Maya. Aquele que, na via espiritual, cede a seus apetites corporais enquanto procura se libertar da roda dos renascimentos, jamais aportará nas margens da salvação, porém será devorado pelo crocodilo. Ele é vítima dos seus desejos físicos.

A UNIÃO DE ATMAN E BRAHMAN

O primeiro passo na via da libertação consiste em desligar-se de tudo aquilo que não pertence à eternidade. Segue-se a aprendizagem da equanimidade, do autodomínio e da paciência. Depois, vem o abandono de todos os comportamentos instigados pelos desejos pessoais e egoístas.

OS PERIGOS RELATIVOS AO CORPO

O homem sábio se abstém de toda atividade supérflua, aqui, na natureza da morte, não lhe fazendo a mínima concessão; não cometerá excessos que o liguem a esta natureza e dissipará completamente a beleza ilusória deste vale de lágrimas [...] pois não se pode servir simultaneamente a Deus e ao ser astral. É por isto que o Evangelho de Jesus Cristo é somente para os fortes, para aqueles que são interiormente fortes.

(A GNOSIS CHINESA ⁵)

Selos da dignidade real dos 24 predecessores do Buda. Pintura, Ananda Okkyaung, Pagan, Burma.

A UNIÃO DE ATMAN E BRAHMAN

Ponde nisto toda vossa diligência, acrescentando: à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a devoção, à devoção o amor fraternal, ao amor fraternal o Amor. Estas são as condições do caminho sétuplo.

(O ADVENTO DO NOVO HOMEM ²)

A jóia do discernimento é a fonte espiritual no coração do homem. Quando Atman desperta e fala, surge a perfeição do eterno, de Brahman. A intenção é que o homem tente atingir esse ideal, que ele oriente a sua vida, de modo que nada possa obstaculizar o seu caminho. Isso exige muita paciência, porque as forças que ele deseja anular o aprisionam novamente. Maya lança a sua rede infatigavelmente sobre aqueles que lhe tentam escapar. O homem também deve se despojar de todo egoísmo, aprender a arrancar-lhe a máscara e a lhe opor a força impetuosa da sua fonte interior. Esta força o impele à retidão, estritamente orientada para a exigência libertadora que exclui todo desejo grosseiro.

Esta via representa a união de Atman e Brahman, ou dito de outra forma: um filho de Deus retornou ao Lar.

Citações tiradas de:

1 SHANKARA, *Das Kleinod der Unterscheidung*, Munique: O.W. Barth Verlag, 1981.

2,4,6,7 Obras de J. VAN RIJCKENBORGH disponíveis na Editora Rosa Cruz.

3,5 Obras em preparação.

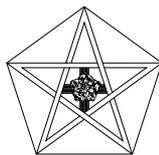


ELE TRAZ A BÊNÇÃO

Os brâhmanes, que desde tempos remotos custodiavam os Vedas e os Upanishads, portanto também de sabedoria divina, estavam irados e combatiam com todos os meios o budismo crescente.

Os discípulos de Buda e os seus sucessores tampouco recuavam, e assim, o coração do Sublime foi tomado de grande dor. Ele, que queria servir a humanidade e, com imensurável amor, salvar a todos, viu a guerra que se travava em seu nome. Por isso, resolveu voltar para as sombras da natureza da morte, cinqüenta anos após sua partida como Buda. Voltou como Shankara, o sublime (...) Shankara ensinou a síntese, a solidariedade entre toda a sabedoria divina. Mostrou que os Vedas, os Upanishads e a doutrina de Buda eram idênticos e, sem exceção, aspiravam ao mesmo objetivo. Mostrou a universalidade de toda a doutrina da sabedoria. Tendo cumprido sua missão, Shankara, que foi Buda, desapareceu de modo misterioso.

(A GNOSIS EM SUA ATUAL MANIFESTAÇÃO ⁷)



*«O caminho da transfiguração impele
o cristão gnóstico atual a fazer renascer
e desabrochar nele a alma imortal. A sabedoria
eterna sempre indicou o caminho verdadeiro.»*

(Por que este número temático da Pentagrama? pág.2)